

COSTURANDO SONHOS

Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na
comunidade do Coqueiro da Praia.

Luís Correia | Piauí | Brasil

NAUDIMAR VIEIRA MOURA MENEZES

COSTURANDO SONHOS

Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na comunidade do Coqueiro da Praia.

Luís Correia | Piauí | Brasil



N293c	<p>Menezes, Naudimar Vieira Moura.</p> <p>Costurando sonhos [manuscrito]: Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na comunidade do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí/ Naudimar Vieira Moura Menezes. – 2022.</p> <p>102 f.</p> <p>Impresso por computador “Orientação: Prof. Dr. Solano de Souza Braga ; co-orientação: Ma. Gabriela Carneiro Reis ” Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2022.</p> <p>Território. 2. Museologia. 3. Costura. I. Título.</p> <p>CDD: 646.3</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada por:
Aurilene Araújo da Costa – Bibliotecária - CRB3 1272

© Copyright 2022

Naudimar Vieira Moura Menezes
Solano de Souza Braga
Gabriela Carneiro Reis

Créditos

Este trabalho final faz parte dos resultados da pesquisa-ação sob o título “COSTURANDO SONHOS: Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na comunidade do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí”, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, sob a orientação da Prof. Dr. Solano de Souza Braga e coorientação da Prof.^a Ma. Gabriela Carneiro Reis.

Universidade Federal do Piauí

Reitor | Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes
Vice-reitor | Prof. Dr. Viriato Campelo
Pró-reitora de Ensino de Pós-graduação | Prof.^a Dr.^a Regilda Saraiva dos Reis Moreira-Araújo
Coordenador de Programas Stricto Sensu | Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Reitor | Prof. Dr. Alexandre Marinho Oliveira
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia | Prof. Dr. Rodrigo de Sousa Melo
Orientador do Trabalho Final de Mestrado | Prof. Dr. Solano de Souza Braga
Coorientadora do Trabalho Final de Mestrado | Prof.^a Ma. Gabriela Carneiro Reis.

Capa | Padrão Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
Diagramação e editoração | Rosa Karina Carvalho Cavalcante
Impressão e acabamento | Gráfica
Revisão ortográfica e bibliográfica | Aurilene Araújo da Costa | Bibliotecária | CRB 3-1272
Museu da Vila | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
Rua José Quirino | Bairro Coqueiro | Luís Correia | PI
www.museologiapiuai.com | e-mail: mapm@ufpi.edu.br

NAUDIMAR VIEIRA MOURA MENEZES

COSTURANDO SONHOS

Reflexões sobre as oficinas de corte e costura
na comunidade do Coqueiro da Praia

Luís Correia | Piauí | Brasil

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para obtenção do grau de mestre.

6ª Turma | 2020-2022

Orientador: Prof. Dr. Solano de Souza Braga

Coorientadora: Gabriela Carneiro Reis

Luís Correia (PI), 20 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Solano de Souza Braga | Orientador

Universidade Federal de Ouro Preto | UFOP | Brasil

Prof.^a Ma. Gabriela Carneiro Reis | Coorientadora

Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG | Brasil

Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Jotta | Avaliador Externo

Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG | Brasil

Prof.^a Dr.^a Artemísia Lima Caldas | Avaliadora Interna

Universidade Federal do Piauí | UFPI | Brasil

Prof. Dr. Rodrigo de Sousa Melo | Suplente

Universidade Federal do Delta do Parnaíba | UFDPa | Brasil



DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Naudimar Vieira Moura Menezes, declaro que o trabalho sobre o título “COSTURANDO SONHOS: Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na comunidade do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí”, é o resultado de estudos e intervenções no Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia; outras listagens documentais, tais como citações diretas e indiretas, estão indicadas ao longo do trabalho segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

Luís Correia (PI), 20 de agosto de 2022.

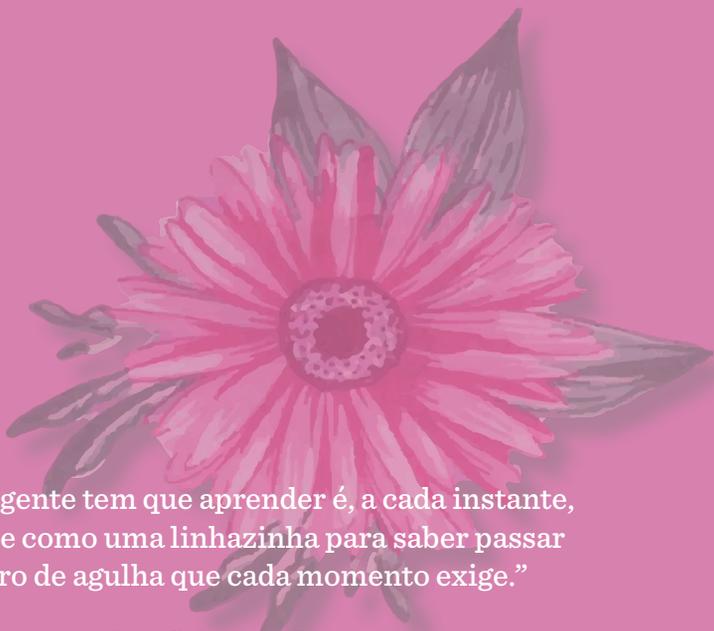
Naudimar Vieira Moura Menezes

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 021/2014, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI / Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em eletrônico, no Repositório Institucional (UFPI / UFDPAr), no formato especificado para fins de leitura, impressão e/ou download pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI/UFDPAr a partir desta data.

Luís Correia (PI), 20 de agosto de 2022.

Naudimar Vieira Moura Menezes



"O que a gente tem que aprender é, a cada instante,
afinar-se como uma linhazinha para saber passar
no furo de agulha que cada momento exige."

João Guimarães Rosa
(Grande Sertão - Veredas)

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por me dar saúde, força, coragem e determinação para caminhar sempre aprendendo, repassando os meus conhecimentos e cumprindo a minha jornada enquanto profissional.

Aos meus pais, Joaquim José Vieira e Maria Nadir Meneses de Moura, *in memoriam*, que me guiaram e subsidiaram toda a minha educação inicial, com todo esforço e amor, principalmente a minha mãe, por ter sido uma mulher à frente do seu tempo, que sempre acreditou no estudo como a base de toda formação do cidadão.

Dedico a minha pesquisa de Mestrado à minha amada irmã Jaudimar Vieira Moura Meneses, *in memoriam*, que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, apoiando, incentivando e me encorajando a seguir. Ela foi um exemplo de mulher, de irmã, filha e muito mais. A sensatez e a calma que eram características predominantes do caráter dela sempre foram referências na minha vida. Ela foi meu teto, meu porto seguro, minha morada e a base principal para que eu pudesse desenvolver e concluir a minha pesquisa. Ela assumiu o posto de mãe, protetora e guardiã. A sua honestidade e competência vão sempre ser faróis na minha caminhada.

Aos meus demais irmãos, sobrinhos e cunhados, pela força e por todo incentivo, pois sempre acreditaram em mim, mesmo nos meus maiores conflitos, entre eles, a ausência da autoconfiança.

Ao meu orientador Solano Braga e a minha coorientadora Gabriela Reis, meus anjos, que me acolheram com todo empenho e dedicação, pelos ensinamentos e paciência durante todo o percurso.

Profissionais de extrema atenção e empatia, que sempre me deram base, direcionamento e apontaram possíveis caminhos para o trilhar da minha pesquisa.

Agradeço imensamente ao meu grupo de trabalho: Dona Dagmar, Fátima (Zinheira), Joana, Cristina e Raquel, por terem acreditado no estudo e por me proporcionar o repasse dos meus conhecimentos no âmbito da pesquisa.

Aos colegas de Mestrado, pelo tempo de amizade e convivência. Serão lembrados de forma carinhosa, todos os momentos, mesmo que virtual, dos encontros antecipados para as discussões dos conteúdos das disciplinas, repletos de risos e desabafos recheados de emoções em relação às vivências do curso.

Finalmente, não posso esquecer da minha família em geral, em especial, todas as minhas amigas que são uma família e que sentiram a minha ausência durante muito tempo, mas que torciam, incentivavam e me davam todo o apoio emocional de que sempre necessitei.

RESUMO

A partir do relato de experiência das oficinas de corte e costura realizadas no âmbito do Ateliê Escola, uma atividade de extensão do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – PPGAPM - UFDPAr, o presente trabalho demonstra a relação entre a museologia social e o território do Bairro-Vila do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí. A realização de oficinas de Design de Moda para a construção de habilidades e competências das mulheres da comunidade da Vila do Coqueiro da Praia, ensinando técnicas de corte e costura, configurou-se como objetivo geral deste estudo. A metodologia utilizada é a Pesquisa-ação, de Thiollent (1947). As atividades consistiram em exercícios voltados para o domínio e manuseio das máquinas de costura, ensino sobre os tipos de costura e acabamentos, produções de peças de cama e mesa e vestuário, capacitando, dessa forma, o grupo de mulheres residentes em Coqueiro. Assim, o estudo considera a avaliação sobre como o conhecimento transmitido através das oficinas realizadas podem gerar impactos sobre a independência financeira do público participante. O acompanhamento dos resultados das oficinas foi realizado a partir dos relatos e percepções das mulheres de Coqueiro. A realização das oficinas pode subsidiar o protagonismo feminino na geração de renda da comunidade, bem como proporcionar melhoria da qualidade de vida, autoestima e a valorização de elementos da cultura e paisagem local, os quais foram incorporados ao longo do processo de criação e confecção das peças de moda casa.

Palavras-chave: território, museologia, costura, cultura.

ABSTRACT

Workshops experiences designed to capacitate a group of women who lived in Vila do Coqueiro da Praia community, through cutting and sewing techniques taught are reported in this research. Those workshops have happened within the scope of the Ateliê Escola, an extension project of the Graduate Program in Arts, Heritage, and Museology at the Federal University of Delta do Parnaíba, Piauí, Brazil. Concepts such as “social museology” and “territory” is the background for this analysis also considering the cultural heritage of the Vila do Coqueiro da Praia, Luis Correia neighborhood. The activities realized during the workshops were based on several exercises in which ones could be capable of developing abilities to work with the sewing machines and do different types of sewing. Through the techniques taught, women based on Vila do Coqueiro da Praia could transform the feminist protagonist in this territory giving them the chance to increase their incomes by making textile products that are in demand from the local business. Those products are designed with local cultural symbols and references. The research also shows the analysis of the results from the workshops and the learned content throughout the narratives from those women who attended.

Keywords: territory; museology; sewing; culture.

RESUMÉ

Des expériences d'ateliers conçus pour habiliter un groupe de femmes qui vivaient dans la communauté de Vila do Coqueiro da Praia, à travers les techniques de coupe et de couture enseignées sont rapportées dans cette recherche. Ces ateliers ont eu lieu dans le cadre de l'Ateliê Escola, un projet d'extension du programme d'études supérieures en arts, patrimoine et muséologie de l'Université fédérale de Delta do Parnaíba, Piauí, Brésil. Des concepts tels que «muséologie sociale» et «territoire» constituent le contexte de cette analyse, qui tient également compte du patrimoine culturel de Vila do Coqueiro da Praia, quartier Luis Correia. Les activités réalisées lors des ateliers étaient basées sur plusieurs exercices dans lesquels on pouvait être capable de développer des habiletés à travailler avec les machines à coudre et à faire différents types de couture. Grâce aux techniques enseignées, les femmes basées à Vila do Coqueiro da Praia pourraient transformer le protagoniste féministe de ce territoire en leur donnant la possibilité d'augmenter leurs revenus en fabriquant des produits textiles demandés par les entreprises locales. Ces produits sont conçus avec des symboles et des références culturelles locales. La recherche montre également l'analyse des résultats des ateliers et le contenu appris à travers les récits des femmes qui y ont participé.

Mots clés: territoire; muséologie; couture; culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMBC | Associação de Moradores do Bairro Coqueiro

APA | Área de Proteção Ambiental

ECOMUDE | Ecomuseu do Delta do Parnaíba

IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MUV | Museu da Vila

PPGAPM | Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

UFDFPar | Universidade Federal do Delta do Parnaíba

OMS | Organização Mundial de Saúde

ONU | Organização das Nações Unidas

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 | Agulha | 57
- Figura 02 | Aula de manuseio e domínio de máquina | 63
- Figura 03 | Kit de costura | 63
- Figura 04 | Tipos de exercício | 71
- Figura 05 | Tipos de exercício | 71
- Figura 06 | Tipos de acabamentos | 74
- Figura 07 | Tipos de modelagem | 74
- Figura 08 | Construção da peça piloto com a técnica de Patchwork | 78
- Figura 09 | Construção da peça piloto | 78
- Figura 10 | Costureiras Senhoras J. e F. treinando em máquinas domésticas | 81
- Figura 11 | Processo de vistoria e reparos técnicos das máquinas | 82
- Figura 12 | Higienização das máquinas | 82
- Figura 13 | Máquinas prontas para o uso | 82
- Figura 14 | Entrega das máquinas para o uso | 83
- Figura 15 | Entrega das máquinas para o uso | 83
- Figura 16 | Senhoras F. recebendo as máquinas para o uso | 84
- Figura 17 | Senhora J. utilizando a máquina industrial | 84

1

INTRODUÇÃO | 26

- 1.1 Público - Alvo | 29
- 1.2 Problema | 31
- 1.3 Objetivos | 32
 - 1.3.1 Geral | 32
 - 1.3.2 Específicos | 32
- 1.4 Justificativa | 33

2

TECENDO OS FIOS ENTRE MUSEUS E PATRIMÔNIO | 36

3

HISTORICIZANDO A INDUMENTÁRIA E A COSTURA | 44

- 3.1 Empoderamento e costura | 46
- 3.2 Costura: percurso histórico | 49

4

MÉTODOS E TÉCNICAS | 58

- 4.1 Contextualizando o projeto Ateliê e o meu trabalho: dificuldades iniciais e caminhos | 60
- 4.2 Sistematização das oficinas | 66
- 4.3 Etapas do processo de aprendizagem: descrição das oficinas de corte e costura | 69
 - 4.3.1 Oficina (1) Conhecendo a máquina | 69
 - 4.3.2 Oficina (2) Tipos de costura para controle e manuseio da máquina | 70
 - 4.3.3 Oficina (3) Tipos de costura à máquina | 72
 - 4.3.4 Oficina (4) Tipos de acabamentos | 73
 - 4.3.5 Oficina (5) Oficina sobre Tecidos e como cortá-los | 75
 - 4.3.6 Oficina (6) Oficina de Noções sobre modelagem | 76
 - 4.3.7 Oficina (7) Técnica de Patchwork | 77
 - 4.3.8 Oficina (8) Continuação da Técnica de Patchwork | 79
- 4.4 Percepção do público participante sobre as oficinas | 85

5

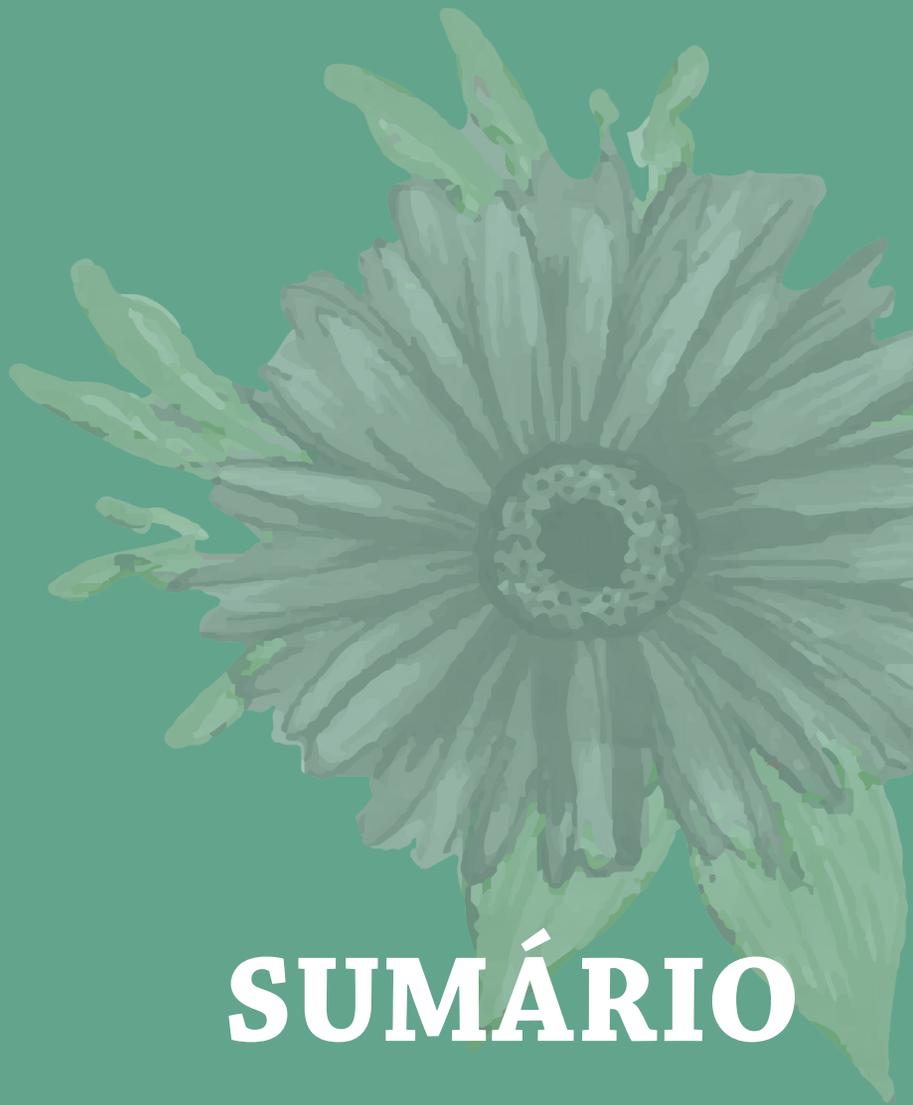
CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88

6

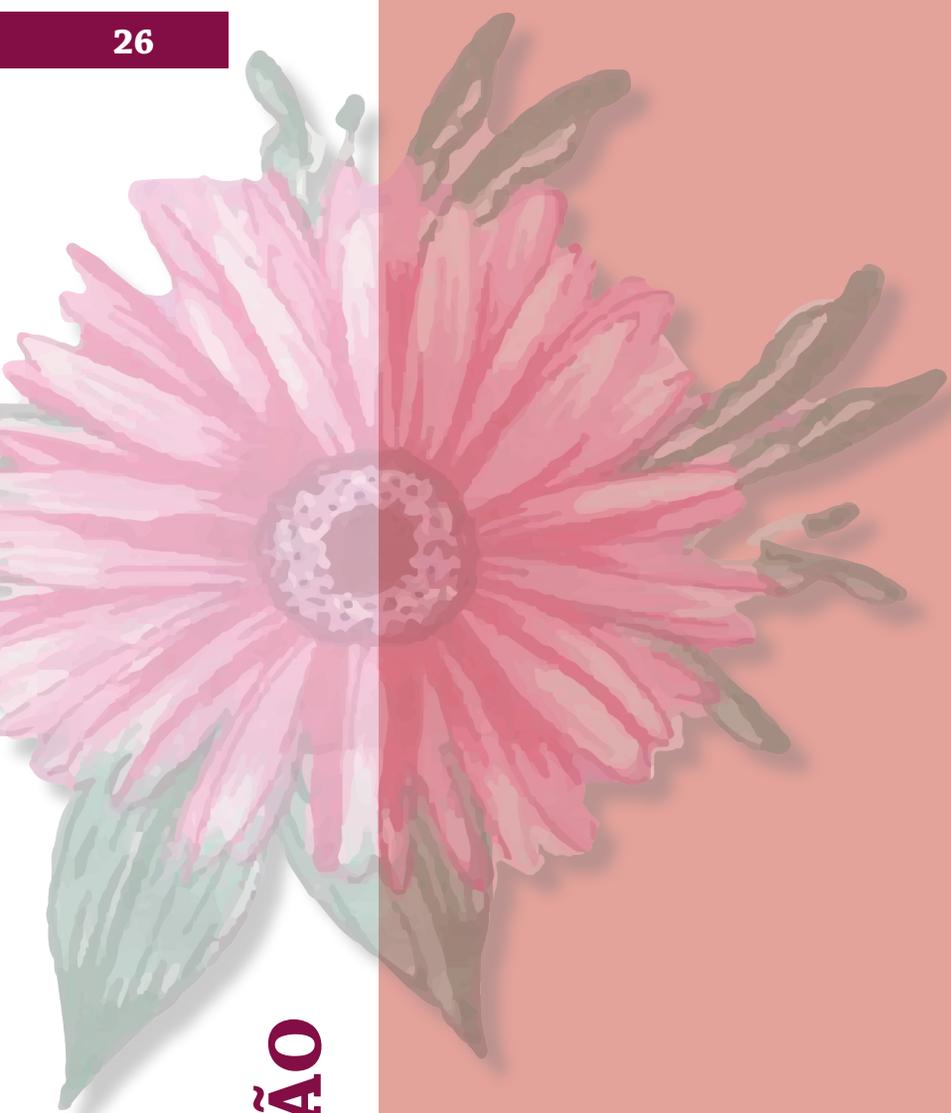
REFERÊNCIAS | 90

ANEXO | 96

APÊNDICES | 98



SUMÁRIO



1. INTRODUÇÃO

As concepções sobre museus têm experimentado outras abordagens que dialogam diretamente com os territórios em que estão situados. Logo, são percebidos e concebidos como espaços que podem promover o desenvolvimento social, econômico, cultural, ambiental e político nos territórios. Por essa razão, transformaram-se em locais de debates e reflexões que transbordam suas estruturas físicas, promovem a sociabilidade e reafirmam as identidades culturais. Também vale ressaltar que os museus proporcionam conhecimento e aprendizado, e podem atuar por meio de projetos e ações na melhoria da qualidade de vida das populações locais e até regionais. Os ecomuseus, de base comunitária, são exemplos da busca pela harmonia e funcionalidade entre museus, elementos humanos e naturais.

O museu, outrora visto como um espaço inerte, passa a ser um espaço dinâmico, a partir do patrimônio construído pela comunidade, de forma consciente e sustentável. O ecomuseu é uma instituição museal que associa o desenvolvimento, a apresentação e a explicação do patrimônio natural e cultural pertencente às comunidades. É representativo de um modo de vida e de trabalho, sobre um dado território, bem como a pesquisa que lhe é associada (DESVALLEÉS; MAIRESSE, 2013).

É neste contexto que o projeto Ateliê Escola, “abrigado” no espaço do Ecomuseu Museu da Vila (MUV), emerge. O MUV (Figura 1) constitui-se em Órgão Suplementar de Ensino, Pesquisa, Extensão, Inovação Social e Tecnológica da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDFPar), localizado em Luís Correia, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. O projeto Ateliê Escola faz parte do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da UFDFPar, o qual, entre outros aspectos, proporciona a criação de espaços de ensino, pesquisa e extensão que atuam diretamente no contexto territorial da APA Delta do Parnaíba.

O projeto do Ateliê foi concebido, em 2018, a partir de estudos e intervenções realizados de forma participativa e colaborativa com moradoras do bairro do Coqueiro. Tem como proposta, entre outras, reduzir as vulnerabilidades sociais mediante a capacitação de mulheres residentes no município. Esta capacitação ocorre a partir do ensino de técnicas do Design de Moda, como corte e costura, incluindo neste processo as referências da cultura local, oferecendo oportunidades de emprego e renda. Naquela

ocasião, o público do projeto era composto por um grupo de 10 mulheres residentes na comunidade(CARVALHO, 2019).

A ideia para o desenvolvimento do presente trabalho nasceu a partir do contato como facilitadora no ensino de técnicas do Design de Moda no âmbito do projeto do Ateliê. Foi após esse contato inicial, como discente do PPGAPM da UFDPAr, que essa pesquisa é iniciada propondo a retomada das atividades do Ateliê Escola e a continuidade das oficinas, considerando o novo contexto que se coloca e como proposta de atuação na comunidade.

1.1 | Público - Alvo

O público-alvo do projeto é composto por grupo de cinco mulheres residentes no Bairro Coqueiro da Praia, em Luís Correia, litoral norte do Estado do Piauí. Apresentam profissões variadas e faixa etária entre 35 e 57 anos. Possuem rendimento mensal entre metade de um salário mínimo até um salário mínimo e meio. Sobre isso, é importante destacar que foi publicado no Diário Oficial da União a Lei 14.358, que confirmou para 2022 o valor do salário mínimo em R\$ 1.212 (AGÊNCIA SENADO, 2022). Grande parte dessas mulheres são dependentes financeiramente dos companheiros e algumas delas conseguem, ainda que eventualmente, obter renda extra para complementar o orçamento doméstico.

Para melhor apresentação do grupo, segue abaixo o Quadro 1 – Perfil socioeconômico do público-alvo: mulheres de Coqueiro. Para esta apresentação, foi destacado a caracterização do público – alvo que viabiliza, dessa forma, a visualização sobre os sujeitos da pesquisa. Ressalta-se que os nomes foram alterados para preservar as suas identidade.

Cabe ressaltar que todos os sujeitos da pesquisa já haviam participado do projeto inicial que serviu de base para a criação do *Ateliê Escola* em 2018.

Quadro 1. Perfil socioeconômico do público-alvo: mulheres de Coqueiro.

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
Senhora D.	57 anos	Ensino Básico	Dona de casa
Senhora J.	37 anos	Ensino Básico	Pescadora
Senhora M.	39 anos	Ensino Superior	Professora
Senhora M.F.	45 anos	Ensino Superior	Professora
Senhora R.	35 anos	Ensino Básico	Pescadora

Fonte: Autora, 2022.

1.2 | Problema

O problema que se coloca para este projeto é: como as oficinas (no âmbito do *Ateliê Escola*) podem contribuir na capacitação do público-alvo e reduzir as vulnerabilidades sociais?

É importante salientar que as vulnerabilidades sociais referem-se principalmente à ausência de liberdade financeira e ao baixo rendimento familiar das mulheres que participam da pesquisa. Cabe destacar, também, a exclusão social e a marginalização política, uma vez que o investimento e desenvolvimento em políticas públicas que minimizem as desigualdades sociais reduziram, drasticamente, nos últimos anos, sobretudo, na atual gestão (2018 – 2022) sob a presidência de Jair Messias Bolsonaro.

1.3 | Objetivos

1.3.1 - Geral

Realizar oficinas de Design de Moda como estratégia de capacitação técnica de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

1.3.2 - Específicos

- Capacitar o público participante por meio de oficinas na produção de artigos de moda casa, destinado ao consumo dos empreendimentos de pousadas, hotéis, bares e restaurantes locais;
- Confeccionar diferentes produtos têxteis para comercializar e possibilitar autonomia financeira das mulheres do bairro do coqueiro, com a finalidade de reduzir as vulnerabilidades sociais e promover a melhoria na qualidade de vida;
- Desenvolver com o grupo participante uma produção final de artigos têxteis do segmento de cama, mesa e banho para suprir as demandas dos empreendimentos locais.

1.4 | Justificativa

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo Coronavírus – COVID-19¹. O vírus, altamente contagioso e também letal, provocou mortes e restrições para a sociedade. Para evitar a contaminação e a propagação do vírus, a orientação da Organização Mundial de Saúde (OMS), ratificada pela Recomendação nº 022, de 09 de abril de 2020, item 4, do Conselho Nacional de Saúde (2020) foi o isolamento social. A pandemia sem precedentes no contexto de um mundo globalizado/pós-moderno impôs vários desafios, de diversa ordem, às sociedades em todo o mundo. A interrupção de praticamente todas as atividades e serviços, que antes faziam parte do cotidiano dos indivíduos, prolongou-se por vários meses.

Todas essas restrições afetaram os inúmeros trabalhos e pesquisas desenvolvidas nas universidades públicas e respectivos setores (FERNANDES; FERNANDES, 2021). Como parte de um novo contexto imposto pela condição de saúde pública e a partir de um maior conhecimento a respeito do vírus, adaptações foram realizadas e alguns trabalhos foram retomados ainda que com restrições e protocolos de segurança. O surgimento da vacina contra o vírus e início da vacinação no mundo e no Brasil, auxiliaram a flexibilização das restrições e possibilitaram a retomada gradual das atividades sociais, culturais e comerciais, ainda que mantendo restrições sanitárias pontuais. A universidade e os projetos de extensão foram adaptados à nova conjuntura sem perder a relevância para o território em que estão inseridos. Os Museus, por sua vez, como espaços de atividades de extensão, são parte fundamental neste relato. Posto isto, ressalta-se, então, a relevância das oficinas, sobretudo no contexto pandêmico.

No Brasil, além da desestabilização das famílias devido aos falecimentos e ao desemprego, a fome e a pobreza emergem

1 As infecções por Covid-19 ainda estão aumentando em 76 países. Houve pelo menos 552.554.000 infecções registradas e 6.771.000 mortes registradas causadas pelo novo coronavírus até agora. No Brasil, ocorreram 32.962.201 infecções e 673.917 mortes relacionadas ao coronavírus registradas no país desde o início da pandemia (Geografic Reuters).

significativamente, principalmente nas grandes capitais. Os noticiários nacionais e locais informavam, dia a dia, as privações dos direitos fundamentais, o que inclui os pescadores do litoral do Piauí que tiveram uma queda de suas rendas e qualidade de vida. A crise da pesca artesanal influencia os recursos da comunidade pesqueira, visto que esta é uma das suas principais fontes de renda (MEIRELES et al., 2017), o que inclui a Vila-bairro Coqueiro da Praia, justificando o trabalho de potencializar as atividades do *Ateliê Escola* do MUV, a realização de oficinas, que de alguma maneira venham a melhorar a condição socioeconômica dessa comunidade após a realização deste projeto. Foi considerando esta conjuntura e acatando as restrições e protocolos de segurança exigidos, que as atividades do *Ateliê Escola* passaram a ser realizadas nas residências das beneficiárias.

Para a realização deste estudo e das intervenções, tem-se ainda como justificativa uma motivação pessoal em ensinar e, conseqüentemente, capacitar os indivíduos que almejam alcançar uma independência financeira e encontram na atividade de corte e costura uma ferramenta de forte teor econômico para a rede hoteleira e gastronômica local, além dos principais elementos associados ao patrimônio cultural, a museologia social, a pesquisa-ação e a inovação social que alicerçam as alternativas de soluções para o problema deste projeto-ação. Segundo o Manual de Aplicação do Mais Educação (IPHAN, 2013), o patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. E está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, nas casas, nas danças e músicas, nas artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Assim, como nos modos de fazer, criar e trabalhar, como também nos livros, na poesia que declamam, nas brincadeiras, nos cultos.

Cabe ressaltar também que, como uma motivação particular para o desenvolvimento da pesquisa é que a autora do trabalho é Designer de Moda, possuindo um Atelier de costura com vários anos de experiência na área e é instrutora da Fundação Wall Ferraz², localizada em Teresina – PI, onde desenvolve capacitações e cursos profissionalizantes de corte e costura, direcionados à comunidade carente da cidade, visando uma melhora de vida para os indivíduos.

² Fundação Wall Ferraz é uma entidade de Direito Público, integrante da administração indireta do Município de Teresina-Piauí, que visa capacitar e qualificar profissionalmente os municípios, com vistas a inseri-los no mercado de trabalho, favorecendo a inclusão social e a conseqüente geração de emprego e renda (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 2022).



2. TECENDO OS FIOS ENTRE MUSEUS E PATRIMÔNIO

Para Cândido (2014) a linhagem mitológica dos museus é associada ao *Museion*, em grego. O termo foi usado antes do século V a.C. para designar os santuários consagrados às musas e às escolas filosóficas e de investigação científica presididas pelas musas protetoras das Ciências e das Artes. Os museus e o Patrimônio podem exercer funções relacionadas ao desenvolvimento social, econômico e político nos territórios. Podem atuar como espaços de sociabilidade onde emergem debates e discussões afirmando as identidades culturais dos territórios onde estão situados. Proporcionam conhecimento e podem favorecer a melhoria da qualidade de vida das populações, desde que atendam aos critérios de sustentabilidade, tais como: fomento a políticas sociais, valorização da transparência da gestão, economia no consumo de água e energia, racionalização do uso de matérias-primas, adoção de tecnologias menos agressivas ao meio ambiente, dentre outros (MARTINS, 2019). É notável, deste modo, a percepção de que a Museologia tem mudado sua abordagem ao longo dos últimos anos, e, por essa razão, os museus têm sido considerados como fenômenos mais abrangentes, resultante da consciência cultural e contrapondo-se ao tradicional significado que lhe era atribuído: de instituição aristocrática e apropriadora de bens.

A palavra museu tornou-se habitual para designar coleções de qualquer natureza (públicas ou particulares), e não faz muito tempo, o museu destinava-se apenas a abrigar e conservar coleções: era sua única finalidade (PARANÁ, 2006). No entanto, museu é um espaço de educação, de investigação, de produção de conhecimento, de lazer, de reflexão, de subversão, de formação ao longo da vida, de

inovação no plano econômico e que só faz sentido se houver um significado para as pessoas que estão no entorno (BRASIL, 2009).

Atualmente, a perspectiva dos estudos sobre museologia inclui investigações mais abrangentes e que estão imbricados à temática das políticas públicas para a cultura, e designadamente para os museus que se refletem nas questões de qualificação profissional, nas ações e atividades expositivas de difusão, de ampliação de acesso e de inclusão de variados segmentos de públicos, ou seja, uma política pública por excelência (BERTOTTO, 2015).

Tal transformação é perceptível por meio dos Museus de Base Comunitária, os quais funcionam como locais de comunicação e troca de saberes. O valor social dos museus foi atribuído oficialmente, sobretudo, a partir das Declarações legais de Santiago (1972) e Caracas (1992), respectivamente. A partir da inclusão da concepção social na abordagem sobre museus foi possível pensar este espaço na promoção do desenvolvimento social.

Segundo Santos (2014) o museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto são irradiadas por objetos e referenciais que iluminam valores essenciais em que se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Com isso, a nova Museologia, que se trata de uma museologia social inovadora em que valoriza o caráter comunitário, destaca a identidade, o olhar e a produção das pessoas que moram em uma determinada região, por meio de reflexões críticas que caminham para intervenções sociais, políticas e econômicas nas comunidades.

Duarte (2013) afirma que a Nova Museologia é um movimento de larga abrangência teórica e metodológica, cujos posicionamentos foram centrais para a renovação dos museus do século XX, como o serão ainda para a renovação dos museus do século XXI. Com isso, a Nova Museologia apresenta-se como um elemento capaz de conduzir e alinhar uma organização de pesquisa mais próxima às problemáticas contemporâneas das ciências sociais (ROLLAND; MUREUSKAYA, 2008).

O projeto do *Ateliê Escola* se apoia, como mencionado, para projetos de museologia social, no tripé formado pela: 1) valorização do patrimônio (cultural e natural) e as características identitárias dos moradores e visitantes por meio de peças de moda; 2)

promover o turismo no bairro-vila Coqueiro, e; 3) ser um projeto de desenvolvimento endógeno. A concepção de ecomuseu como instituição museal associa o desenvolvimento de uma comunidade à conservação do seu patrimônio cultural e natural (DEVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Para Devallées e Mairesse (2013) um ecomuseu é uma expressão das relações entre homem versus natureza em um determinado território ao longo do tempo e dos limites desse espaço.

A composição do acervo desse tipo de instituição é feita de bens de interesses científicos e culturais reconhecidos, “representativos do patrimônio da comunidade que serve: bens imóveis não construídos, espaços naturais selvagens, espaços naturais humanizados; bens imóveis construídos; bens móveis; e bens integrados” (DEVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 74).

O Museu de Base Comunitária, como o ecomuseu, tem como atores principais os habitantes do território, sendo a proposta de: interação e integração com o patrimônio, a comunidade, o meio ambiente e o território. Territorialidade relaciona-se a um espaço e ou região que estabelece, para além de uma jurisdição, um sentimento de pertencimento em que ações coletivas se identificam consoante aos costumes e hábitos. A sua perspectiva surge no âmbito da sociologia e de outras áreas de conhecimento, a partir do reconhecimento de condutas ou atitudes que refletem características do coletivo que ocupa (BARBUY, 2021).

Para diversos pesquisadores, entre eles, Colucci e Souto (2011), a territorialidade deriva da tendência dos indivíduos a apropriar-se, defender e administrar determinados setores geográficos. Esta identificação com o território permite construir a identidade e serve como base para satisfazer várias necessidades. Portanto, territorialidade refere-se a padrões de comportamento e posturas que pessoas ou grupos sociais apresentam através do controle (real ou concebido) de determinado espaço físico ou de uma ideia. Controle esse que pode ser concretizado através da demarcação, personalização ou até mesmo, defesa do território (CONCEITO.DE., 2019).

O controle mediante demarcação, no contexto de territorialidade, tem relação com os objetos de um determinado local, informando que esse espaço está ocupado e sendo utilizado. Existem ainda outras formas de territorialidade, como, por exemplo, a estrutura

de uma casa, ou até mesmo espaços que refletem estilo e gosto pessoal, uma forma de indicar a identidade dos moradores (CLAVAL, 2007).

A territorialidade pode beneficiar uma cidade, estado ou país, por exemplo, já que, por meio dela, os recursos são racionados e não haverá uma exploração acima de determinado limite. A territorialidade pode ser vista também como uma forma estratégica de controle relacionada ao contexto social a qual está inserida. Os animais também exercem a territorialidade quando delimitam e defendem o seu habitat, impedindo que outros se aproximem ou se instalem na zona (CONCEITO.DE., 2019).

No âmbito sócio-cultural, a territorialidade refere-se a um conjunto de orientações e ações elaboradas por um grupo ou por uma instituição com a finalidade de controlar do território sobre o qual atua com autonomia visando o reconhecimento de suas tradições e a valorização das manifestações artísticas (COLUCCI; SOUTO, 2011). Nesse contexto, o conhecimento adquirido é transmitido para gerações futuras proporcionando autonomia e desenvolvimento financeiro.

Paul Claval (2007) informa em seu livro intitulado *A Geografia cultural* que a cultura é a união dos diversos conhecimentos, atuação, comportamentos e valores adquiridos pelo sujeito durante a sua vida e que, conseqüentemente, são apreendidos através do grupo ao qual ele pertence. Assim, se a cultura é concebida como herança, sendo transmitida pelas diversas gerações familiares, o conhecimento adquirido pode fincar raízes e produzir sementes que alimentam os sujeitos. No caso deste trabalho, isso se evidencia no aprendizado das mulheres que, ao praticar e desenvolver as técnicas de corte e costura, podem incentivar e repassá-las aos descendentes perpetuando a cultura local. Cabe ressaltar, no entanto, que a cultura não é imutável e tampouco fechada.

Claval (2007) destaca ainda que cada grupo social que tem sua própria cultura e possui códigos (escrita, oralidade, gestos, entre outros) específicos e que para passar de um para o outro, em forma de aprendizado adquirido, implica em um conhecimento e conseqüentemente a participação de intermediários que possam viabilizar o repasse desses códigos.

No contexto do início da década de 1980 foi preponderante a necessidade de

se identificar nos territórios elementos de identidade que pudessem promover o desenvolvimento regional, sustentável ou integrado (GONÇALVES, 2015). Tais elementos correspondem aos objetos etnográficos ou sítios que serviriam como acervo patrimonial da população. Barbuy (1995) descreve os quatro elementos constitutivos dos Ecomuseus: “o território, a população, o tempo e o patrimônio” (BARBUY *apud* BELLAIGUE, 1995, p. 211). Segundo a autora, é preciso considerar que quando se fala em patrimônio, deve-se referir ao “patrimônio total” que compreende “tanto paisagens, sítios, edificações, como os objetos que são portadores de história ou de memória” (*Ibidem*, p. 211).

Cabe ressaltar também que, segundo Claval (2007), assim como os museus, as bibliotecas não são apenas um simples local de conservação recheado de memórias mortas, mas viabilizam viagens por diversos mundos, espaços, culturas, outras formas de visualizar a vida, pois “ler e escrever são atividades inquietantes, às vezes subversivas” (CLAVAL, 2007, p. 72). Assim, o que é transmitido é fruto das diversas maneiras de ver e de oralizar. Quando se expõe aquilo que se assimila, muitas vezes, a forma como é exposto está ligado aos sentidos dos sujeitos, suas inquietações, desejos, frustrações e necessidades.

Os conceitos de patrimônio e de ecomuseu são intimamente relacionados, pois o acervo patrimonial é aumentado diante do sentido social dos museus comunitários que abrangem desde espécimes vivos a bens imateriais. De acordo com Varine (2013), o patrimônio, seja o natural, o cultural, vivo e/ou sacralizado, é um recurso local que só encontra sua razão de ser em sua integração nas dinâmicas de desenvolvimento. Ele é herdado, transformado, produzido e transmitido de geração a geração. Logo, pertence ao futuro” (VARINE, 2013, p. 18-19).

O conceito de ecomuseu refere-se a uma tipologia de museu que tem como objetivo dar sentido ao lugar, valorizar o patrimônio cultural de um dado território com a participação das populações locais, que devem perceber o Museu como espaço de bem-estar e sustentabilidade. A participação e interação com o território permite ao Ecomuseu promover desenvolvimento local a partir dessa participação popular considerando a experimentação, a inovação e a sustentabilidade contemplando as dimensões cultural, ambiental, social e econômica. Portanto, são instrumentos de inclusão social, os quais devem sempre ponderar as transformações correntes, uma vez que deixaram de ser espaços que apenas preservam o passado.

Retomando o contexto de 1972 e a conjuntura dessa época, as resoluções pautadas durante o evento “Mesa-Redonda de Santiago do Chile”, a educação atrelada aos museus passa a ter papel central para além do espaço físico dos mesmos e diálogo constante com escolas, universidades, comunidades. Ao mesmo tempo, passa a integrar as políticas nacionais de ensino (PRIMO, 1999). Posto isto, os processos educacionais a partir dos sentidos na avaliação patrimonial acabam por gerar um senso de responsabilidade comum e recíproco (CUNHA, 2012). Nessa simbiose, surgem os museus como ferramenta de identidade cultural, o que fortalece o sentimento de pertencimento que cada comunidade desenvolve (BRAGA *et al.*, 2021). Segundo Carvalho (2019):

O Museu como um espaço de encontro e diálogo, que permite aprendizagem, construção de valores e identidades, com uma educação inclusiva e construtivista. Um museu que se relacione com seres humanos, que os faça ter interesse em aprender a qualquer hora, e lugar, vez que a educação é um processo humano, sempre se pode aprender no e com o Museu; um mediador da experiência educativa significativa, que revela efetivamente como uma aprendizagem que é e deve ser sempre didática, dialética, participativa, não uma didática cartesiana, tradicional, mas que opte pela comunicação, que envolva processos comunicativos em espaços desenhados para os públicos não para as obras, um museu vocacionado para as pessoas (CARVALHO, 2019, p.72).

O museu é um espaço que administra patrimônios que possuem valores incalculáveis, repletos de história, identidade e memória de um determinado povo. Assim, apresenta-se como meio de comunicação e elo entre passado, presente e futuro, atribuindo patrimônios às populações locais.

Posto isso, acredita-se que são necessárias as interfaces entre a educação e o patrimônio cultural. A ligação entre esses dois pontos se configura por intermédio dos processos de conhecimento que agrupa a percepção, a identificação, a aprendizagem e as relações de autonomia subsidiadas pela apropriação da assimilação das ideias. Pinheiro (2015) considera que:

É inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes,

experiências, práticas, afirmação de identidades; espaços praticados por produtores de cultura, conhecimentos; lugares educativos, que se constituem e que fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, formados por pessoas que pensam a cultura como elemento econômico e sustentável. Os museus, enquanto equipamentos culturais, devem estar a serviço do conhecimento, da melhoria da qualidade de vida das pessoas. Em particular, daquelas que vivem, que habitam os territórios onde estão situados (PINHEIRO, 2015, p. 58).

Dessa forma, é necessário informar e propiciar a formação para que seja realizada a tradução da realidade, visando a reflexão sobre a forma de conhecer, observar os erros, contradições e equívocos na construção e reconstrução das relações entre os sujeitos, utilizando como norte o entendimento que o saber é uma tradução e não um simples reflexo da realidade, construindo no limiar da conturbada e conflituosa convivência dos sujeitos.

Com isso, cabe ressaltar que o território como espaço que abriga diversas relações sociais, a partir de várias representações, os sujeitos modificam e ornamentam o espaço geográfico dentro de um determinado contexto histórico, propiciando assim, uma relação de pertencimento e poder. Pinheiro e Carvalho (2018) afirmam que a cultura tem um papel basilar na educação e, conseqüentemente, na ciência. Ademais, a compreensão do que seja patrimônio cultural é indispensável à cidadania, pois, não existe cidadania sem patrimônio. Por essa razão, existe a necessidade, a urgência de pesquisar, documentar, informar, preservar, resguardar e perceber o patrimônio cultural como um caminho para construir condições possíveis para a vida.

As práticas a serem desenvolvidas dentro do ecomuseu MUV, em conjunto com a Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC), possibilitam às famílias da comunidade um novo olhar para o patrimônio local e aspiram à inclusão e melhorias nos processos educativos e formativos. Assim, a pesquisa participante e a educação popular são elementos importantes no processo metodológico, bem como ferramentas educativas e participativas, que possibilitam a troca de saberes e fazeres, promovendo a interlocução entre Universidade e a comunidade pertencente à Vila Bairro Coqueiro da Praia.

Segundo afirma Moutinho (1993, p. 08):

O alargamento da noção de patrimônio é a consequente redefinição de objeto museológico, a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a Museologia como fator de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das “novas tecnologias” de informação e a museografia como meio autônomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e tem relação com a perspectiva crescente de inclusão e interação entre patrimônio e inclusão. (MOUTINHO, 1993, p. 08).

O museu e a museologia, conforme descreve Moutinho (2007), têm na comunidade e na participação, as novas ferramentas para inovar sob o ponto de vista de conceitos. Por esta razão a sociomuseologia é considerada como uma disciplina articulada com as ciências humanas e as áreas de ensino e serviços, engajada no desenvolvimento sustentável, na inclusão socioeconômica e na busca de uma adequação dos museus aos novos pressupostos da sociedade contemporânea, aos novos problemas e às novas realidades que inclui demandas de políticas públicas. Com o aprendizado das técnicas de corte e costura, as mulheres podem alcançar a liberdade financeira e a própria autonomia para realizar seus desejos e objetivos, resgatando uma dignidade que outrora foi subjugada e oprimida pela sociedade machista e patriarcal que colocava e ainda tenta destacar o homem no centro das discussões e o poder social.

Considerando que os objetos de estudo da pesquisa são as técnicas atreladas a corte e costura voltadas para a fabricação de indumentárias que envolvem o corpo e, conseqüentemente, expõe aparências, faz necessária a discussão para conhecimento do surgimento e desenvolvimento de roupas, bem como a costura e suas ramificações. Para tanto, os pontos destacados serão abordados no próximo tópico. Entretanto, cabe ressaltar que também será abordado sobre o tema “empoderamento feminino” considerando que todo o processo de aprendizagem atribui o reconhecimento da capacidade que a mulher detém em todos os espaços que ela se propõe a ocupar.

3. HISTORICIZANDO A INDUMENTÁRIA E A COSTURA

No decorrer deste capítulo, é explanado sobre a relação entre a costura e o empoderamento feminino, apontando como o trabalho atribuí à mulher um aspecto libertador, em que ela é capaz de trilhar os caminhos da vida de forma plena e autônoma. O capítulo ressalta também um panorama histórico da indumentária e da costura.



3.1 | Empoderamento e costura

Antes de abordar sobre o contexto histórico da indumentária e da costura, é importante ressaltar sobre o empoderamento feminino, visto que a costura pode ser considerada grande aliada no empoderamento de mulheres, tendo em conta que é uma atividade relevante na manutenção e transformação das tradições e das famílias. Assim, a partir da capacitação do referido público-alvo do projeto, as mulheres poderão ser incluídas no mercado de trabalho, a partir da valorização de sua mão de obra e da possibilidade de construir nova realidade social para suas famílias. É preciso, no entanto, compreender o conceito de empoderamento.

A Organização das Nações Unidas (ONU) informa que o empoderamento feminino é a consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero (ONU MULHERES NO BRASIL, [20--]). Ou seja, empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si. É uma consequência do movimento feminista e que, apesar das correlações, apresentam diferenças entre si.

Outro aspecto a ser considerado é o fato desse grupo social estar protagonizando seu papel na economia local à medida que os produtos confeccionados (artigos têxteis para o lar) poderão suprir as demandas de consumo existentes naquele território. Significa, portanto, que estarão unindo potencialidades nesse processo de socialização, em que se auxiliam mutuamente, representando agentes da transformação local por meio do trabalho realizado.

A valorização da mão de obra e o respectivo reconhecimento denotam, entre outros fatores, o aspecto simbólico, o qual favorece o empoderamento feminino. Dessa forma, a proposta do projeto está para além do processo de capacitação, uma vez que amplia as oportunidades de trabalho e renda, ensinam novas habilidades e diferentes técnicas de criação e confecção que poderão ser empregadas em futuros negócios.

O trabalho não é apenas um recurso econômico, mas também um meio de [...] desenvolvimento de necessidades sociais, autoestima e espaços próprios. A maior participação feminina no mercado de trabalho e a geração de renda própria redundam também em um aumento do nível de autonomia das mulheres, maior satisfação com suas vidas e melhoria de seu poder de negociação no interior da família. Elementos culturais, como o reconhecimento de seus direitos e a maior presença de mulheres na esfera pública, o aumento de seu nível de educação e maiores expectativas de desenvolvimento autônomo, estão, também, por trás do aumento de mulheres no mercado de trabalho (OIT, 2009).

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem como proposição no contexto da Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU MULHERES NO BRASIL, [20--]), sete princípios básicos do empoderamento feminino no âmbito social e profissional:

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero

Assim, indivíduos oprimidos ou marginalizados e que não possuem o conhecimento do poder pessoal, como as mulheres, o empoderamento emerge da necessidade de reconhecimento da capacidade feminina para realizar atividades ou se posicionar dentro de um espaço social elitista, machista e patriarcal.

Atrelando essa discussão sobre empoderamento com o cerne da pesquisa, pode-se perceber que, com o aprendizado do ofício da costura, as mulheres se tornam autônomas para gerir a própria vida, tendo uma liberdade financeira que viabiliza uma tomada de poder sobre si. Falando sobre a autonomia viabilizada pelo o ofício da costura, é extremamente necessário conhecer o panorama histórico em que a mesma percorreu.

3.2 | Costura: percurso histórico

O surgimento da utilização de roupas deu-se na Pré-História, anterior à escrita, antes de 4.000 a.C, data aproximada da criação da escrita Cuneiforme pelos povos Sumérios. Segundo Braga (2007), a relação do homem com a roupa começou há milhares de anos, na medida em que os homens pré-históricos perceberam que as peles dos animais que caçavam para se alimentarem também poderiam ser usadas como instrumentos de proteção contra o frio. Porém, aquele material, *in natura* e sem nenhum tratamento, logo se enrijecia, o que dificultava os movimentos e diminuía sua vida útil, precisando ser substituído em pouco tempo.

Para curtir as peles, o homem pré-histórico fazia uso da mastigação para amaciar a pele. Algum tempo depois, o ácido tânico contido na casca de algumas árvores como carvalho e salgueiro foi descoberto e, a partir daí, as peles puderam ter mais durabilidade. Tal descoberta possibilitou que partes diferentes das peles fossem reunidas e costuradas com fios extraídos de nervos de animais como os tendões das renas da cauda e da crina de cavalo, através de pinças e agulhas com orifício confeccionadas a partir de ossos, marfim ou corno de rena, os quais são encontradas em cavernas do período paleolítico¹ (LIMA, 2016; AUDACES, [20--]). Deste modo, com peles mais maleáveis, foi possível cobrir mais partes do corpo, como forma de proteção contra as intempéries climáticas, além da criação de novos modelos que pudessem ser adaptados ao corpo humano e aos movimentos (ESCOLA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL, [20--]).

Foi dessa forma que, segundo LAYER (2006), houve a invenção da agulha de mão, um dos maiores avanços tecnológicos da história

1 O Período Paleolítico é a parcela de tempo que compreende desde as origens do homem até 8000 A.C.. Dentro desse período ainda existem duas subdivisões: o Paleolítico Inferior (5000.000 – 30.000 A.C.) e o Paleolítico Superior (30.000 – 8.000 A.C.). Em ambos os períodos, a falta de uma ampla documentação dificulta a obtenção de informações mais específicas sobre os primeiros grupos humanos que ocuparam o globo terrestre. Fonte: (Mundo Educação).

do homem, comparável em importância à invenção da roda e à descoberta do fogo. As primeiras agulhas de mão tornaram possível a elaboração das primeiras roupas Braga (2007), por sua vez, afirma que as roupas eram presas ao corpo com as garras dos animais ou mesmo ligando umas às outras com os nervos, tendões, fios da crina ou rabo de cavalos.

A primeira descoberta na parte têxtil foi a feltragem, por meio da qual a lã ou os pelos eram penteados, molhados e posicionados sobrepostos em uma esteira, local onde eram fortemente enrolados e golpeados com uma vara (MODA.HI7.CO, [20--]). Dessa maneira, permitia-se que os pelos fossem compactados, tornando-os quentes, duráveis e maleáveis, o que facilitava seu corte e costura e, posteriormente, num processo evolutivo, o surgimento da própria tecelagem.

Sobre a invenção do tear, não se sabe a data. Os historiadores a situam por volta de 12.000 anos atrás. Imagina-se que ninhos de pássaros e teias de aranha seriam a inspiração da sua criação. A roca é uma máquina para se trançarem e unirem os filamentos das fibras, formando uma matéria-prima chamada de fio para a tecelagem dos tecidos. Acredita-se que a roca mecânica foi inventada entre 500 e 1000 d.C. Os teares só permitiam que fizessem tecidos de largura do braço do homem, pois era preciso passar de uma mão para outra para entrelaçar os fios. Em 1733, John Kay inventa a lançadeira volante, que permite tecer qualquer largura de tecido. Em 1779, o inglês Samuel Crompton inventou o tear movido a água, o que diminuiu o tempo para o desenvolvimento do tecido, e sua invenção produzia fios finos e resistentes. Edward Cartwright inventou o tear mecânico em 1785. Com a invenção de máquina a vapor de James Watts, em 1768, Richard Roberts, em 1830, acoplou o tear com funcionamento a vapor (LOBO, 2014, p. 18).

Pode ser destacado que em cada período histórico, a roupa passa a ser confeccionada de maneira diferente. Além de servir para proteger o indivíduo, passa a ter uma identidade singular. E assim, com as roupas surgem outros adereços como os ornamentos ou acessórios que, em alguns casos, passam a ser mais valorizados que a própria roupa.

No que diz respeito à criação da Máquina de Costura, Lobo (2014) destaca que Joseph Madersperger, desenvolveu a primeira máquina usável, pois esta permitiu entrelaçar duas

linhas de costura. A costura manual foi substituída pela máquina de costura mecânica por volta de 1760, mas sem muitos resultados. No entanto, em 1830 foi criada a primeira máquina de costura.

Mas foi o francês Barthelemy Thimonier quem criou a primeira máquina de costura que realmente funcionou, atingia 200 pontos por minutos. Cerca de oitenta máquinas foram produzidas e vendidas a uma fábrica de uniformes militares, dando ao seu criador o mérito de primeiro fabricante de máquinas de costura, porém o equipamento causou a fúria dos outros alfaiates que a destruíram por considerá-la uma ameaça ao seu meio de vida, forçando-o a fugir para a Inglaterra (LOBO, 2014, p. 41).

Com isso, em 1834 foi desenhado um modelo de máquina de pesponto, mas não a comercializou. Já em 1846 patenteado um modelo com lançadeira sincronizada com a agulha. Alguns anos depois, em 1851 foi patenteado o modelo de máquina de costura e inovado a comercialização de criações no sistema de venda à prestação. Segundo Lobo (2014), em 1910, surgiu a primeira máquina de costura elétrica, o que acarretou no aumento da produtividade. Portanto, pode-se inferir que até o final do século XIX estava sendo desenvolvida toda a tecnologia mecânica base de todas as máquinas que conhecemos hoje.

A partir do momento em que os povos conseguiram amaciar a pele e desenvolveram as primeiras agulhas feitas de ossos de animais e pedras, nasce o ato de costurar realizando a junção das peças. No processo de costura, eram feitos buracos para dar maior mobilidade aos braços, impulsionando assim a origem das cavas e os decotes e conseqüentemente a técnica de modelagem, mesmo que de forma rudimentar.

Com o passar do tempo, principalmente com a primeira Revolução Industrial, a costura e a confecção de roupas deixaram de ser atividades exclusivas dos lares e dos ateliês e se tornaram algo de produção em larga escala, com a produção de tecidos em maquinários e a invenção de máquinas de costura. Assim, as mulheres das classes mais desprestigiadas foram obrigadas a trabalhar nas fábricas das indústrias têxteis que dominavam no século XVIII, ganhando salários baixos com um esforço gigantesco e uma jornada de trabalho desumana (RODRIGUES et al., [20--]).

Nesse interim, com o preço baixo dos tecidos, as pessoas de baixa renda tinham maior acesso e começaram a usar trajes que antes pertenciam ao poder aquisitivo da nobreza. Cabe ressaltar também que, com a padronização de itens de vestuário, o crescimento das confecções e a produção em massa, contribuiu não só para o crescimento das indústrias, mas também para o artesanal. Vale destacar também que, a maior demanda por exclusividade e maior luxo por parte das classes altas, que buscaram se diferenciar por intermédio das extravagâncias da moda, contribuiu para o nascimento da alta costura, a confecção de trajes bem alinhados, com alto requinte, com tecidos luxuosos e modelagens sob medida.

Todavia, o ofício de costureira que era fonte de renda para as mulheres não era visto como uma profissão de prestígio, ao contrário da profissão dos alfaiates. Antes a função da mulher era atrelada ao contexto doméstico, inclusive a própria costura era atrelada diretamente a mulher, durante as revoluções na Indústria Têxtil elas eram limitadas ao chão de fábrica e aos fundos dos ateliês de alfaiates renomados (NOVAES, 2016).

Na França, na segunda metade do século XVII, apenas os homens alfaiates eram reconhecidos como profissionais, podendo prestar serviços e vender roupas (NOVAES, 2016). Entretanto, após reivindicações de costureiras, o rei autorizou o exercício oficial das mulheres na profissão como forma de garantir uma vida digna.

Com isso, as mulheres não eram aceitas como membros centrais na sociedade, embora participassem de atividades relacionadas a organização, limpeza e alimentação, bem como a produção de tecidos e roupas. Entretanto, uma grande parte da classe trabalhadora não participava das corporações e assim, o processo de aprendizagem dessas mulheres ocorria de modo simples, por intermédio da imitação de suas mães, avós, tias e irmãs mais velhas (SENNETT, 2012; SILVA, 2009). Silva (2009, p. 57) acrescenta que “a posição de destaque das mulheres no mundo do trabalho dependia, pois, da sua possibilidade de trabalharem em casa: prosperavam quando o local de trabalho e a casa eram um só”. Isso reflete a realidade de algumas das mulheres como o público participante -dessa pesquisa.

Para Hollander (1996), o novo ofício das costureiras era constituído da utilização simples do tecido, por não serem necessários um corte e uma confecção criativa, sendo de competências dessas costureiras os detalhes e o acabamento. Cabe ressaltar que, segundo Hollander (1996), mesmo com as transformações no ofício tradicional, constata-se que o posto de trabalho da costureira evoluiu pelas práticas e pelas tecnologias. O caráter criativo foi colocado em questão, destacado e aprimorado, já que eram as mulheres que buscavam

inovar com alguns detalhes que o homem não poderia realizar, por serem considerados atributos próprios do trabalho detalhado o feminino.

Continuando com as observações de Hollander (1996), o autor pontua que entre o final do século XIX e o início do século XX, as mulheres costureiras receberam um novo espaço na participação econômica. A partir da construção das peças, considerando a preocupação com os movimentos sociais e visando o mercado de trabalho, as mulheres assumiram um posto de destaque, mesmo com a desvalorização do seu trabalho, pelos alfaiates. Assim, começaram a destacar as mulheres como confeccionistas ou consumidoras de moda.

O ato de costurar é uma operação que denota complexidade. Exige o conhecimento do material necessário que transforma tecidos e aviamentos em peças do vestuário, artigos de cama, mesa e banho, entre outros produtos que a criatividade permite elaborar. Requer a habilidade no manuseio do material, o qual exige o conhecimento sobre as formas bidimensionais, como o molde por exemplo, que possui largura e altura. Este material, o qual é previamente cortado, possibilita a confecção de uma peça tridimensional composta por altura, largura e volume, e que pode representar o produto final.

Segundo Araújo (1996) uma costura pode ser definida como uma sequência de pontos destinados a fazer a união de duas ou mais partes de material e é utilizada na montagem das partes constituintes de uma peça. As costuras são caracterizadas pela sua resistência, pela tenacidade da linha, pelo número de pontos (cm da costura), pelo número de “careiras” da costura e pelo tipo de costura e do tecido. A percepção da aplicabilidade do processo de costura artesanal deve ser entendida como sujeito pertencente ao patrimônio cultural.

No decorrer da história, pode-se perceber que a Humanidade desenvolveu conhecimentos em suas práticas diárias, um saber prático que possibilita que as pessoas possam criar, desenvolver, interpretar e trabalhar (BORDA, 1988; KOVALSKI, OBARA, FIQUEIREDO, 2011). Destarte, a valorização dos conhecimentos múltiplos, tradicionais e populares de um determinado grupo, como no caso das mulheres do Coqueiro da Praia, tem significativa importância porque, além de absorverem os saberes adquiridos ao longo do tempo, proporcionam uma união e o fortalecimento desses conhecimentos para o espaço social.

Assim, o conhecimento em sua esfera geral diz respeito às informações acumuladas, ao longo do tempo, por determinada comunidade em relação às suas práticas, aos seus valores e à sua cultura; enfim, suas vivências e experiências. Sendo assim, as técnicas podem ser

repassadas de inúmeras formas, seja na oficina ou em casa, assim, a aprendizagem que se envolve na relação familiar e comunitária é de ordem essencial.

Segundo Araújo (1996), na sala de costura as partes bidimensionais (partes que não tem volume) previamente cortadas são montadas de forma a produzir uma peça tridimensional (altura, largura e volume). Este trabalho é difícil, sobretudo no que tange a manipulação do material durante a costura e, por conseguinte, difícil de automatizar.

Para construir um determinado tipo de costura é importante utilizar a máquina correta, convenientemente afinada e com os próprios acessórios para a construção desse tipo de costura de forma mais viável e no mais pequeno espaço de tempo. Assim, a confecção de um traje do vestuário precisa, em muitos casos, a utilização de diversos tipos de costura e de várias máquinas, com isso, a organização e alinhamento da produção mais adequada a montagem de determinado produto é um elemento necessário e fundamental e dela depende o desenvolvimento do processo. Dessa forma, a organização da costura considera os materiais, as máquinas, os operadores, os sistemas de transporte, métodos de produção e as técnicas de planejamento e controle de produção. Como também, as agulhas, as linhas de costura e os acessórios ou aparelhos.

De acordo com Araújo (1996), a junção das partes que compõem as peças confeccionadas é normalmente efetuada por meio de costuras constituídas por pontos. Cabe ressaltar que outros métodos existem, tais como a utilização de ultrassons, a termocolagem, etc. que têm a sua importância reduzida em confecção e se aplica a materiais termoplásticos por ação do calor e da pressão.

O ponto, de acordo com Araújo (1996), representa um ciclo completo de entrelaçamento da linha no tecido por ação da agulha e de outros elementos de formação da laçada. A repetição do ponto em intervalos uniformes forma o tipo de ponto. Entretanto, é importante destacar que os pontos são utilizados não só para realizar a junção das costuras, mas também para ornamentar, finalizar uma borda de tecido ou costurar botões, casear, entre outros.

Segundo Araújo (1996), os diferentes pontos são designados por um número com três algarismos. O algarismo das centenas corresponde a uma das oito classes de pontos:

“Classe 100” – ponto de cadeia simples; “Classe 200” – ponto manual; “Classe 300” – ponto preso; “Classe 400” – ponto de cadeia múltiplo; “Classe 500” – ponto cerzido; “Classe 600” – ponto de costura plana (recobrimento); “Classe 700” – ponto preso com uma só linha; e o “Classe 800” – pontos combinados.

O conhecimento aprofundado sobre os pontos implica diretamente no manuseio da máquina específica e do tipo de tecido que será utilizado na confecção de uma peça. Assim, a compreensão a respeito dos pontos utilizados valoriza o produto na sua composição final.

Ainda abordando Araújo (1996), as costuras são divididas em quatro classes, tendo também duas classes de pespontos. Uma costura pode ser conceituada como uma sequência de pontos destinada a fazer a união de duas ou mais partes de material, e é utilizada na montagem das partes constituintes de uma peça de vestuário (ou outro tipo de artigo costurável).

Para o autor, as costuras de um modo geral devem aguentar cargas e possuir propriedades físicas idênticas aos materiais que juntam. Desse modo, o tipo de linha e de ponto a utilizar em cada costura variam com o tipo de aplicação. De acordo com Araújo (1996) as classificações das costuras encontram-se normalizadas. Tradicionalmente, na normalização americana e inglesa os tipos de costuras eram designados por letras. Entretanto, na normalização mais recente os tipos de costura são definidos por uma série de dígitos.

A costura possui algumas características, tais como: resistência das costuras, resistência das linhas, número de pontos/centímetros da costura, números de carreiras de pontos e tipo de costura e tecido. É pertinente ressaltar que as primeiras máquinas formavam pontos à velocidade que o operador, ao pedalar, fazia girar o volante. Hoje em dia, porém, a pressão do pé do operador, pode impelir o tecido de baixo do calcador e da agulha a velocidades superiores a 9000 pontos por minuto.

De acordo com Araújo (1996, p. 266), a parte mais essencial de qualquer máquina de costura é a agulha ou agulhas. Dependendo do tipo de máquina requer a utilização de agulhas com dimensões específicas, existindo mais de 2000 sistemas de agulhas. Assim, as funções da agulha são as seguintes: 1) produzir um buraco no material para a passagem

da linha; 2) levar a linha da agulha através do material e formar uma laçada que possa ser apanhada pela laçadeira ou mecanismo; 3) passar a linha da agulha através da laçada formada pela laçadeira de qualquer máquina a exceção das de ponto preso.

Assim, as agulhas encontram-se normalizadas de acordo com o tipo de máquinas que são utilizadas, por classe, variedade e número. Com isso, os vários detalhes estruturais das agulhas foram desenvolvidos com objetivos bem definidos e de modo a possibilitar a seleção da agulha mais apropriada para determinada aplicação, pelo que é necessário compreender esses detalhes.

Na figura 01 – Agulha, pode ser observada uma agulha de máquina de costura que apresenta as seguintes partes (de baixo para cima): 1 – suporte ou talão, 2 – cone, 3 – corpo, 4 – ranhura grande, 5 – depressão, 6 – olhal ou buraco e 7 – ponta. Cabe ressaltar que as agulhas são classificadas de acordo com a sua ponta. Existem seis tipos de pontas: “ponta redonda ou cônica”, “ponta redonda aguda”, “ponta bola leve”, “ponta bola média”, “ponta de bola pesada” e ponta grossa (para pregar botões).

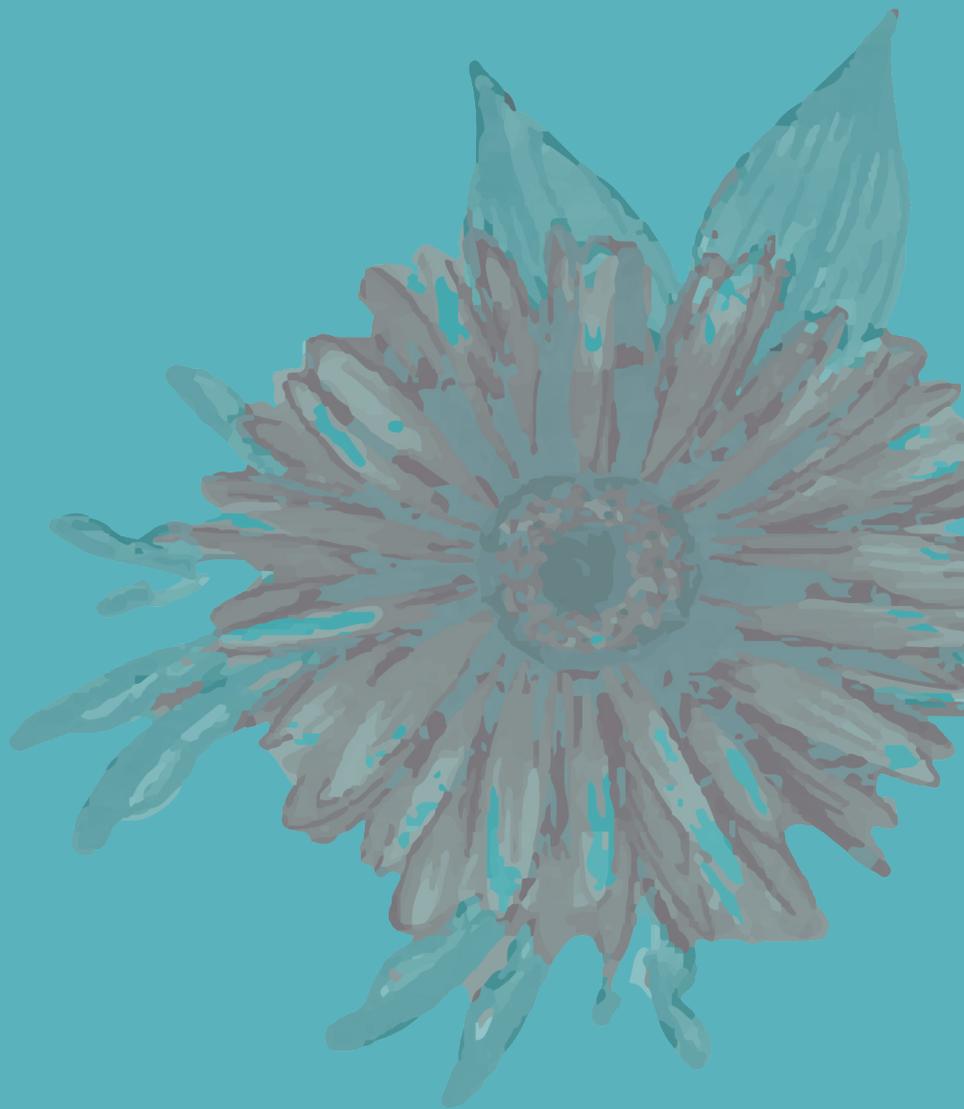
Destarte, diante de várias transformações, as mulheres tiveram que se adequar ao modo de produção, pela necessidade de manutenção de suas famílias ou pela própria renda para alimentar a satisfação pessoal, necessitando e almejando desempenhar atividades remuneradas. O ofício das costureiras não é considerado pela sociedade um trabalho sujeito a remuneração adequada, por ser visto como uma atividade naturalizada como feminina, ou seja, exclusiva das mulheres, interligada aos cuidados com a família, configurando um alargamento do trabalho doméstico, sem uma valorização econômica e social.

As vivências e os saberes das trabalhadoras de ateliês de costura podem ser analisados à luz dos referenciais de vários teóricos e sobre o olhar da própria sociedade que aponta a necessidade de sempre se conhecer o mundo onde se vive, aprendendo de que forma se comportar, como investir e conseqüentemente crescer nas esferas socioeconômicas tendo posse do conhecimento intelectual e físico, adaptando-o e solucionando os inúmeros problemas que estão à sua volta. Destarte, no decorrer da história, os seres construíram saberes e desenvolveram conhecimentos que foram aplicados no seu cotidiano, viabilizando sobrevivência e produções que valorizaram desde os saberes tradicionais até aqueles adquiridos ao longo do tempo.



Figura 01. Agulha. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS



4.1 | Contextualizando o projeto Ateliê e o trabalho: dificuldades iniciais e caminhos delineados

O Plano de Curso apresentado neste tópico apresentando trajetória pensada e trilhada para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Tratando-se de um tópico metodológico na pesquisa, o plano viabiliza uma visão ampliada do caminho tecido pela autora do trabalho e seus orientadores.

O *Ateliê Escola* foi concebido em 2018 a partir de estudos e intervenções realizados de forma participativa e colaborativa com moradoras do bairro do Coqueiro. Naquele ano, participei como mulher profissional do Design de moda no processo de formação daquelas mulheres, público-alvo do projeto.

No primeiro momento, do início do contato e atuação no projeto (em 2018), os materiais utilizados consistiam em sobras de tecidos para somente uma máquina de costura. Seis meses depois, no mesmo ano, foi possível transportar as atividades do projeto para um espaço do MUV, e agora com o apoio de seis máquinas industriais, as quais foram doadas. Naquele contexto, o público do projeto era composto por um grupo de 10 mulheres residentes na comunidade.

No ano de 2021, as oficinas aconteceram no âmbito do mestrado profissional e executadas pela presente autora. Neste primeiro momento, buscou-se por soluções e alternativas para a viabilização das oficinas, considerando as restrições e protocolos de segurança para contenção da pandemia de Covid-19. Para dar continuidade ao trabalho, ficou decidido que as oficinas seriam realizadas de forma individual, ou em pequenos grupos familiares, nas residências das alunas. O trabalho de campo foi então iniciado com o grupo de mulheres composto por seis integrantes, no período entre o final de janeiro e início de fevereiro daquele ano. Entretanto, alguns impasses foram detectados antes que as oficinas pudessem ser iniciadas.

Durante uma visita técnica ao MUV, em janeiro de 2021, foi identificado a necessidade de reestruturação e manutenção das seis

máquinas industriais doadas ao projeto *Ateliê*. Devido à proximidade do MUV com o litoral da Praia de Coqueiro, o maquinário havia sido deteriorado pela “ação” da maresia. Tais equipamentos necessitam de manutenção constante, sobretudo, por estarem dispostos em território litorâneo.

Foi identificado, ainda, que as mulheres (participantes do projeto inicial e que hoje são sujeitos da pesquisa em questão) apresentavam dificuldades para manusear essas máquinas industriais devido à alta velocidade pela qual operam. Essa dificuldade inviabilizou a realização de uma prática e manuseio seguros por parte dos sujeitos da pesquisa ao utilizar o maquinário.

Ademais, estes equipamentos, devido ao tamanho e peso, não eram viáveis para serem transportados para as respectivas residências. A alternativa foi utilizar, inicialmente, as máquinas portáteis, também conhecidas como “máquinas domésticas”. Estas máquinas operam de forma mais lenta facilitando o manejo, diminuindo o risco de possíveis acidentes, o que torna a prática mais segura.

Superadas as dificuldades iniciais, o passo seguinte foi a realização de uma avaliação para verificar a evolução da aprendizagem junto às ex-alunas sobre o projeto *Ateliê Escola*. A finalidade foi identificar as percepções acerca das oficinas iniciais e o que poderia ser melhorado. Durante estes relatos foi registrado que a descontinuidade das atividades do *Ateliê* dificultou o aprimoramento do conhecimento adquirido, bem como a variedade de facilitadores, que ofertavam as oficinas a partir de metodologias diversas, o que prejudicava a continuidade do aprendizado. Ressaltaram, porém, que motivadas pelo conhecimento que conseguiram reter, algumas delas adquiriram uma “máquina portátil”, a qual lhes rendeu renda extra a partir da produção de máscaras para proteção facial contra vírus da Covid-19.

Durante este diagnóstico, juntamente com a proposição de um exercício específico (relacionado às técnicas de costura), alguns anseios dos sujeitos da pesquisa foram relatados. A partir deles, foi detectada a necessidade de ofertar um curso de Corte e Costura que pudesse dar continuidade aos trabalhos do *Ateliê*, utilizando, porém, outra didática. Esta nova metodologia seria desenvolvida considerando as etapas de aprendizagem.

Dessa forma, os conhecimentos são repassados seguindo uma continuidade compatível com os níveis de dificuldades: começando do básico e caminhando para o mais complexo, possibilitando que o conteúdo seja absorvido de modo progressivo. Os elementos da pesquisa que já haviam participado das oficinas passadas, poderiam, dessa forma, aprimorar o que já haviam aprendido.

Para dar início às práticas, seria necessário que as alunas dispusessem de máquinas portáteis em suas residências, e somente duas detinham este maquinário. Conseguimos, então, quatro máquinas emprestadas, viabilizando as oficinas, que, conforme relatado, foram individuais, em duplas ou em pequenos grupos familiares, seguindo as normas sanitárias e de segurança exigidas. Cada aluna recebeu um kit de costura contendo os seguintes materiais: 1 óleo lubrificador de máquina, 2 tubos de linha grande branco e preto, fita métrica, um pacote de agulha de mão, um pacote de agulha de máquina nº12, descosturador, tesoura de corte de linha, bobinas, colchetes, botões, 2 linhas para bordado, tecido, zíper invisível preto e 1 zíper comum (Figura 03).

Na figura 02, pode-se observar que os sujeitos da pesquisa estavam recebendo orientações de como manusear a máquina e a passagem da linha na máquina.

Na figura 03, estão despostos os materiais que compunham o kit disponibilizados gratuitamente para as participantes da pesquisa. As atividades eram realizadas nas residências das beneficiárias do projeto atual, em consonância com as práticas que sempre pautaram a existência e a manutenção do Ateliê Escola, mantendo um contato de parceria com e para a comunidade ribeirinha, pesqueira e deltaica, promovendo as classes populares um engajamento sócio-político-pedagógico dentro da pesquisa-ação.

Como Thiollent em sua obra “Metodologia da Pesquisa-ação” fala da importância desse tipo de pesquisa por desempenhar um “papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2011, p. 21). Assim, a resolução dos problemas se constrói no conhecimento e aprofundamento do problema.

É importante frisar que, segundo Charlot (2000), a relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. Assim, com a busca pelo aprendizado, subsidiado pelo incentivo, a construção do conhecimento.



Figura 02. Aula de Manuseio e Domínio de Máquina. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 03. Kit de Costura. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

Segue abaixo, o Plano de Curso que apresenta o percurso desenvolvido pelo projeto.

		
Professores orientadores	Professora ministrante	Carga horária

- Solano Braga de Sousa
- Gabriela Carneiro Reis

Naudimar Vieira
Moura Menezes

120h

Justificativa

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo Coronavírus – COVID-19. Para evitar a contaminação e a propagação do vírus, o mundo viveu um isolamento social. A pandemia impôs vários desafios, de diversas ordens.

No Brasil, além da desestabilização das famílias devido aos falecimentos e ao desemprego, a fome e a pobreza emergem significativamente, principalmente nas grandes capitais. É destacado pela mídia, as inúmeras privações que os brasileiros, em sua grande maioria, de classe baixa, passam para poder sobreviver em um país repleto de desigualdade. Nesse contingente de pessoas, pode ser incluído os pescadores do litoral do Piauí, que tiveram uma queda de suas rendas e qualidade de vida. A crise da pesca artesanal influencia os recursos da comunidade pesqueira, o que inclui a Vila-bairro Coqueiro da Praia, justificando o trabalho de potencializar as atividades do Ateliê Escola do Museu da Vila (MUV), a realização de oficinas, que propiciam caminhos para uma melhor condição socioeconômica dessa comunidade.

Competências

- Dominar o uso da máquina de costura;
- Conhecer os métodos e técnicas de costura;
- Desenvolver peças.

Habilidades

- Conhecimento dos componentes da máquina de costura;
- Execução de tipos diferentes de costura;
- Diferenciação dos tipos de costura e sua utilização nos diversos tipos de tecidos;
- Bainha de lenço;
- Costura francesa;
- Sobrecostura;
- Costura a um centímetro;
- Costura tombada;
- Nervura;
- Franzidos;
- Pesponto;
- Colocação de zíper;
- Colocação de viés;
- Desenvolvimento de costura comparada com ângulo de 90° graus;
- Entendimento da utilização do pique;
- Utilização da tesoura de corte;
- Compreensão sobre a estrutura da modelagem de uma peça.

Objeto do conhecimento

- Conhecendo a máquina;
- Tipos de costura para controle e manuseio da máquina;
- Tipos de costura à máquina;
- Tipos de acabamentos;
- Oficina sobre Tecidos e como cortá-los;
- Oficina de Noções sobre modelagem;
- Técnica de Patchwork.

Recursos	Procedimentos metodológicos
<ul style="list-style-type: none"> • Máquina de costura; • Tesouras; • Réguas; • Tecidos; • Linhas; • Bobinas; • Caixa de bobinas; • Óleos de máquina; • Pinças. 	<p>É desenvolvida uma metodologia ligada a escolas de ensino construtivista e montessoriana. Desta forma os educandos participantes do curso serão agentes ativos na produção do conhecimento, levando em conta que para o desenvolvimento de um bom aprendizado em costura é necessário meios práticos.</p> <p>Como o projeto visa atender agentes que são participativos do museu da vila, e este um museu comunitário, é necessário ouvir a população envolvida no processo, portanto, é realizado um processo de diagnóstico com os educandos para adequação da metodologia.</p> <p>Devido o projeto ocorrer durante a pandemia da covid, é utilizado como local de ensino aprendizado a casa das educandas para podermos manter o distanciamento dos envolvidos no processo. Para isso, é disponibilizadas máquinas e materiais de costura individuais.</p> <p>As aulas serão expositivas, dialogadas e práticas compreendendo a visão pedagógica de Ana Mae Barbosa que encara métodos ligados ao desenvolvimento técnicos alicerçados sobre um tripe de teoria, prática e apreciação. Cabe ressaltar que algumas participantes do projeto possuem o ensino superior completo e outras apenas o ensino básico.</p>

Referências

- ARAÚJO, Mário. Tecnologia do Vestuário. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1996
- BRANDÃO, Gil. Aprenda a costurar. 6. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1981.
- CHATAIGNIER, Gilda. Fio a fio: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.
- LOBO, Renato Nogueiro; LIMEIRA, Erika Thalita Navas Pires; MARQUES, Rosiane do Nascimento. História e sociologia da moda: evolução e fenômenos culturais. São Paulo: Érica, 2014.
- MENDES, Francisca Dantas; SACOMANO, José Benedito; FUSCO, José Paulo Alves. Rede de empresas: a cadeia têxtil e as estratégias de manufatura na indústria brasileira do vestuário de moda. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.
- MENDES, Francisca D.; FUSCO, José Paulo A.; SACOMANO, José B. Planejamento e controle da produtividade na manufatura do vestuário de moda. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais, 9, 2006, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: FGV-EASP, 2006.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. Tecidos: História, Tramas e tipos e Usos. 2. ed., São Paulo: Senac, 2007

4.2 | Sistematização das oficinas

No âmbito das atividades do *Ateliê Escola* foi necessário, primeiramente, conhecer as especificidades das partes das máquinas para o manuseio seguro e correto deste equipamento. Tais especificidades envolvem desde passar a linha, encher a bobina até trocar e conhecer os tipos de agulha. Dessa forma, nossas oficinas ficaram divididas em dois momentos principais: a apresentação do maquinário e materiais de costura, seguidos do exercício de corte, costura e acabamentos.

O Quadro 2 - Sistematização das oficinas foi criado para facilitar a metodização dos processos de aprendizagem proporcionados pelas oficinas. Além de proporcionar melhor visualização para o(a) leitor(a) sobre o que foi ministrado nas oficinas. Ele não exclui, no entanto, o texto descritivo das atividades realizadas em cada oficina e em cada exercício. Pode ser também considerado como instrumento metodológico na transmissão do conhecimento, técnicas, de corte e costura, podendo ser adaptado ao contexto vigente, bem como servir de base, modelo para a continuidade do projeto no âmbito do MUV.

Quadro 2. Sistematização das oficinas.

COSTURANDO SONHOS: projeto Ateliê Escola			
Sistematizando as oficinas de corte e costura			
Oficina	Atividades realizadas	Objetivos	Materiais utilizados
1. Conhecendo a máquina	Realização dos exercícios 1 ao 5.	Conhecer as especificidades das partes das máquinas para o manuseio seguro e correto do equipamento.	Máquina, linhas, bobinas, agulhas e tecidos.
2. Tipos de costura à máquina	Ensino sobre sete (7) técnicas de costura diferentes. Costura francesa, sobrecostura, bainha de lenço, nervura, franzido, rebatido à máquina e costura simples.	Identificar onde e quando cada tipo deverá ser utilizado no processo de confecção de um determinado produto.	Máquina, linhas, bobinas, agulhas e tecidos.
3. Tipos de acabamentos 1	Ensino de técnicas relacionadas ao acabamento das peças, segunda etapa. Técnicas: Borda com Zig – Zag e Borda batida à máquina.	Valorizar o acabamento das peças utilizados no processo de confecção de um determinado produto por meio do acabamento da peça que está sendo construída, como colocar viés, como e quando fazer um canto mitrado e a colocar zíper comum e invisível, permite à aprendiz identificar onde e quando cada tipo deverá ser utilizado no processo de confecção de um determinado produto.	Máquinas, linhas, bobinas, tecidos, zíper invisível, zíper comum, tesoura.
4. Tipos de acabamentos 2	Ensino de técnicas relacionadas ao acabamento das peças, segunda etapa.	Conhecer as técnicas sobre fazer encaixes que significa utilizar os vários tipos de pique em linha reta, curva, diagonal e quadrado, para que a peça fique com as costuras alinhadas, garantindo assim um melhor resultado na qualidade da mesma.	Máquinas, linhas, bobinas, tecidos, zíper invisível, zíper comum, tesoura.

5. Oficina de corte, noções sobre tecidos	Ensino de técnicas relacionadas ao corte das peças e conhecimento sobre os vários tipos de tecidos.	Identificar os componentes dos tecidos, a identificar o fio urdume e fio trama, para um melhor caimento da peça quando for confeccionar os produtos para o lar.	Tecidos, tesouras, fitas métricas.
6. Oficina de noções sobre modelagem	Ensino de técnicas relacionadas à modelagem básica das peças.	Conhecer os principais materiais utilizados em uma modelagem básica para os produtos para o lar.	Tesoura, papel, lápis, borracha esquadros, curva francesa, régua de alfaiate, fitas métricas, alfinetes.
7. Técnica de <i>Patchwork</i>	Ensino de técnicas relacionadas ao <i>Patchwork</i> que significa “trabalho com retalhos”, pois <i>patch</i> = retalho e <i>work</i> = trabalho. Exercita a paciência, capricho e criatividade, pois sua técnica é a união de diversos tipos de tecido, nas mais variadas formas e cores.	Cortar diversos pedaços de tecidos e costurar formando vários tipos de desenhos para desenvolver e aprofundar as técnicas.	Tecidos, linhas, tesouras, moldes, alfinetes, máquina de costura, régua, tapete de corte, cortador.
8. Continuação da técnica do <i>Patchwork</i>	Continuação do ensino de técnicas relacionadas ao <i>Patchwork</i> .	Construir a peça piloto.	Tecidos, linhas, tesouras, moldes, alfinetes, máquina de costura, régua, tapete de corte, cortador.

4.3 | Etapas do processo de aprendizagem

Nessa etapa, o destaque é a descrição das oficinas de corte e costura da comunidade do Coqueiro da Praia em Luís Correia.

4.3.1 Oficina (1) Conhecendo a máquina	
Realizada em/ entre os dias:	28/01/21 e 29/01/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	4h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D.; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na primeira etapa do processo de aprendizagem, a primeira oficina foi realizada em 28/01/21 e 29/01/21 nas casas das participantes divididas em: casa 1, uma participante; casa 2, três participantes; casa 3 uma participante. As oficinas duravam em média duas horas, podendo ser mais, dependendo da disponibilidade do horário das participantes e da facilitadora, e também tiveram contato com a máquina onde conheceram as suas principais partes e funções, como a passar a linha, trocar agulha e a bobina.

4.3.2 Oficina (2)

Tipos de costura para controle e manuseio da máquina

Realizada em/ entre os dias:	30/01/21 a 05/02/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	4h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na segunda etapa, que aconteceu nos dias 30/01/21 a 05/02/21, fizemos o primeiro exercício com linhas retas com paradas em pontos determinados, obrigatoriamente com o pedal para ir controlando o lugar onde se quer parar (Figura 3). Com o objetivo de aprenderem por meio de exercícios de domínio e manuseio de máquinas a ter um melhor entrosamento com ela.

O segundo exercício foi com linhas retas em ângulos de 90°, obrigatoriamente, com o pedal. O terceiro exercício foi pespontar linhas retas e cantos, obrigatoriamente, com o pedal, virando o tecido a 90°. No quarto exercício, treinou-se linhas retas em ângulos obtusos, objetivando costuras retas com paradas no canto (em forma de bolso), obrigatoriamente com o pedal. No quinto exercício, as participantes aprenderam a pespontar em espiral para facilitar a costura em curvas e no sexto exercício, elas aprenderam a pespontar curvas convexas, com pontas tipo cálice, para dominar a costura quando for pregar bolsos arredondados e apliques decorativos.

Com a realização desses exercícios, adquiriram confiança e presteza para a realização dos produtos de moda, no caso, moda para o lar. A sua repetição é de suma importância, pois, com isso se tem uma qualidade no qual queremos oferecer nos produtos que será ofertado.



Figura 04. Tipos de exercícios. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

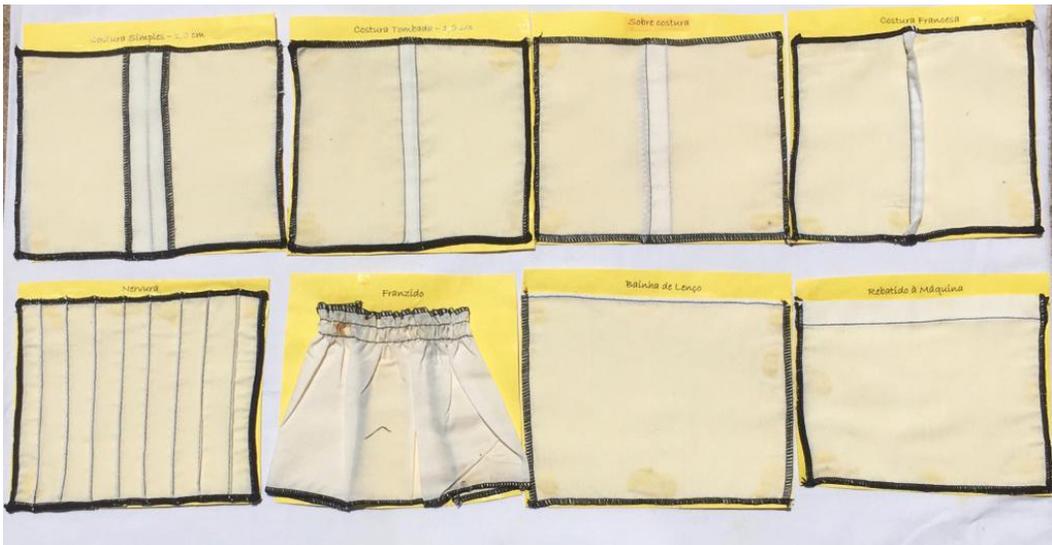


Figura 05. Tipos de exercícios. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

4.3.3 Oficina (3) Tipos de costura à máquina

Realizada em/ entre os dias:	16/05/21 a 24/05/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	18h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D; Casa 2 03 participantes: Senhora F, Senhora J, Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na terceira etapa, ministrada em 16 a 24/05/2021 (Figura 4), as participantes aprenderam os tipos de costura à máquina, como a costura simples a 1cm; a costura tombada a 1cm (útil para reforçar e dar mais resistência a uma parte da peça); a costura francesa (indicada para tecidos transparentes nos quais as costuras são visíveis do lado de exterior da peça); a sobre costura (muito resistente e proporciona durabilidade à peça); a costura debruada com viés (indicada para uma peça em tecido médio ou pesado que não seja forrada); costura debruada em si mesma ou costura bainha de lenço (que dispensa qualquer acabamento e dá melhor resultado em tecidos leves que não desfiam facilmente) e por fim, a bainha rebatida à máquina com 1, 2 e 3 cm. O aprendizado desses exercícios foi importante para identificar onde e quando eles precisarão serem feitos em um produto, como também fazendo que as costuras adquirem uma qualidade na execução dos pontos, pois a prática leva a perfeição.

A técnica utilizada subsidia aos participantes o aprendizado de onde e quando cada tipo deverá ser utilizado no processo de confecção de um determinado produto.

4.3.4 Oficina (4) Tipos de acabamentos

Realizada em/ entre os dias:	19/06/21 a 24/06/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	14h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D.; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na quarta etapa ministrada em 19/06/2021 a 24/06/2021, as participantes aprenderam os diversos tipos de acabamentos, como: borda rebatida a máquina e borda com zig-zag (Figura 5). Também aprenderam a fazer encaixes com o uso dos vários tipos de pique, em linha reta, curva, diagonal e quadrada; a fazer o canto mitrado, muito utilizado nos produtos de cama, mesa e banho e a colocar zíper comum e invisível, já que são muito utilizados nos produtos que produzimos.

A técnica utilizada além de valorizar o acabamento das peças usadas no processo de confecção de um determinado produto, por meio do acabamento da que está sendo construída, como colocar viés, como e quando fazer um canto mitrado e a colocar zíper comum e invisível, permite à aprendiz identificar onde e quando cada tipo deverá ser utilizado no processo de confecção de um determinado produto.

De acordo com Araújo (1996), a borda batida à máquina é reconhecida como ponto preso – Classe 300. A classe 300 inclui tipos de pontos que interligam a linha da agulha com a linha da bobina utilizando uma lançadeira. É vulgarmente conhecido como ponto corrido. Cerca de metade de todas as máquinas de costura industrial existentes produzem o ponto tipo 301 que é o ponto mais popular existente na indústria de confecção.

Cabe ressaltar que, segundo Jones (2005), as máquinas de costuras industriais são mais rápidas, regulares e mais especializadas que as domésticas, por essa razão, exigem treino para serem usadas adequadamente. Uma outra observação é sobre o zigue-zag que está disposto na imagem acima, é o ponto tipo 304 sendo utilizado na confecção e serve para rebater elásticos, bordar e casear.



Figura 06. Tipos de acabamentos. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 07. Tipos de modelagem. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

4.3.5 Oficina (5) Oficina sobre Tecidos e como cortá-los	
Realizada em/entre os dias:	29/07/21 a 30/07/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	14h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na quinta etapa, realizada nos dias 29 e 30/07/21, como parte do processo de aprendizagem, foi executada uma oficina de corte, objetivando o conhecimento sobre os componentes dos tecidos e as participantes aprenderam a identificar o fio Urdume e fio Trama, para um melhor caimento da peça quando for confeccionar os produtos para o lar.

É importante salientar que, segundo Jones (2005, p.123) “os tecidos de tear são criados pelo entrelaçamento de fios que se cruzam em ângulos retos, ou seja, os fios do comprimento (Urdume) com os fios da largura (trama)”. Assim, é necessário ter o conhecimento sobre os fios, pois dependendo de como se coloca o molde para o corte, isso influenciará no resultado do produto.

4.3.6 Oficina (6) Oficina de Noções sobre modelagem	
Realizada em/ entre os dias:	19/06/21 a 24/06/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	14h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D.; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na sexta etapa, que aconteceu nos dias 24 e 25/08/21, foi realizada uma oficina de modelagem com o objetivo de aprender como modelar uma peça, quais os instrumentos necessários para a construção de produtos para o lar e peças básicas para o vestuário.

Outrossim, segundo Osório (2007, p. 17), modelar é construir blocos geométricos anatômicos, que tem como objetivo reproduzir, no tecido, a forma do corpo considerando a estrutura do tipo físico. Para Rosa (2008, p. 20), modelar é a técnica responsável pela construção de peças do vestuário, realizando a leitura e interpretação do modelo. A modelagem é a estrutura do corpo. Assim, pode-se entender que modelar é construir no papel a base da roupa, tendo como referência as medidas do corpo.

4.3.7 Oficina (7) Técnica de Patchwork	
Realizada em/ entre os dias:	26/08/21 a 08/09/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	28h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D.; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na sétima etapa, realizada de 26/08/21 a 08/09/21, foi iniciada a criação de uma peça piloto de um jogo de cama como protótipo, feita com a técnica de patchwork e, dependendo da aceitação do público-alvo (donos de pousadas e bares), seria realizada a construção de peças segundo a demanda dos pedidos oriundos da loja virtual, também projeto do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia da UFDFar.

Essa técnica de Patchwork significa “trabalho com retalhos”, pois patch = retalho e work = trabalho. Para fazer um patchwork, é preciso ter, antes de tudo, paciência, capricho e criatividade, pois sua técnica é a união de diversos tipos de tecido, nas mais variadas formas e cores (PANZOLDO, 2014).

É um trabalho que existe há muito tempo, dando vida a retalhos de tecidos que, sozinhos, não passariam de sobras desperdiçadas. Consiste em cortar diversos pedaços de tecidos e costurar formando vários tipos de desenhos. Essa técnica ajudará no aperfeiçoamento das costuras, já que terão que ser repetidas várias vezes, com isso fazendo que as participantes adquiram destreza e habilidade nas costuras, que é o objetivo da escolha dessa técnica.

Para realizar o trabalho com retalhos, precisa-se de: um projeto com moldes e medidas de tecidos; determinada quantidade de tecido e um local para guardar as peças que vão ficando prontas, para posteriormente serem emendadas. O patchwork pode ser usado em quase tudo o que se imagina, como colchas, almofadas, roupas, acessórios, bolsas etc.

Na imagem, se destaca a confecção da peça piloto que visou subsidiar o aprendizado e a capacitação das mulheres envolvidas no projeto, uma vez que foi detectada a carência desse tipo de trabalho no local da pesquisa.



Figura 08. Construção da Peça Piloto com a Técnica de Patchwork. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 09. Construção da Peça Piloto com a Técnica de Patchwork. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

4.3.8 Oficina (8) Continuação da Técnica de Patchwork

Realizada em/ entre os dias:	07/11/21 a 13 /11/21
Horário:	14 às 20h
Carga horária total:	14h
Moradoras participantes:	Casa 1 01 participante: Senhora D.; Casa 2 03 participantes: Senhora F., Senhora J., Senhora R.; Casa 3 01 participante: Senhora C.

Na oitava etapa, realizada no período de 07/11/21 a 13/11/21, deu-se a continuidade com a construção da peça piloto. Primeiramente, foram feitos os quadrados com seis tipos de modelos, onde serão todos montados com tiras de tecidos lisos. Nesse momento, põe-se em prática o aprendizado dos acabamentos, sobretudo, o canto mitrado, deixando, assim, a peça com um bom acabamento.

As participantes também tiveram a oportunidade de mostrar as habilidades com a aplicação de acabamentos nos tecidos artesanais desenvolvidos por elas nas oficinas de tecelagem com o mestrando, hoje mestre Antônio Mineiro. A experiência da capacitação e aprendizagem subsidiou as mulheres que participaram da pesquisa, proporcionando-lhes uma maior autonomia e liberdade econômica:

Para mim, foi uma oportunidade única durante essa pandemia. Não sabia que era capaz de conseguir aprender nessa altura da minha vida um trabalho tão bonito. Fiquei muito feliz em poder iniciar as minhas próprias peças. É uma sensação única (Senhora D. 12/11/2021).

De acordo com os sujeitos da pesquisa, a possibilidade do projeto ser realizado em casa por conta da pandemia Covid-19 viabilizou um maior aproveitamento do processo. Conforme os relatos, os afazeres domésticos em alguns momentos impossibilitavam as mulheres de alcançarem uma formação profissionalizante e com a aplicação das atividades nas residências das participantes colaborou para uma maior capacitação do público-alvo e com isso, elas conseguiram dar seguimento às produções têxteis diminuindo, assim, o fracionamento econômico.

É importante destacar que para o desenvolvimento da pesquisa, foram fornecidas

máquinas industriais oriundas do *Ateliê Escola* e que elas passaram por uma revisão técnica para o funcionamento e conseqüentemente, desenvolvimento da pesquisa.

Na figura 10, é possível observar que as costureiras já estavam treinando antes do contato com as máquinas industriais. Esse processo foi fundamental para a segurança e o desenvolvimento das habilidades para a oficina de costura. A Senhora J. destacou que “a máquina doméstica foi um exercício muito importante para poder praticar na industrial”.

Nas figuras 11, 12 e 13, fica evidenciado o processo de vistoria, reparo e higienização das máquinas para serem disponibilizadas para as participantes da pesquisa. Cabe ressaltar que as máquinas estavam paradas no *Ateliê Escola* devido a pandemia.

Nas figuras 13, 14, 15 e 16 ficam registradas as ações desde a entrega do maquinário até a sua utilização. As participantes ficaram bastante motivadas e também se sentiram desafiadas por poderem praticar o aprendizado diretamente nas máquinas industriais. A Senhora J. que aparece na imagem acima destacou que “a costura na máquina industrial fica mais bem acabada e facilita muito a vida das pessoas”.

Durante todo o processo, foi cultivado o elo da confiança, amizade e companheirismo para que a pesquisa fosse desenvolvida de uma forma mais profunda e dinâmica. Também é necessário destacar que a segurança quando se trabalha qualquer área de pesquisa é fundamental, assim, durante o percurso, as participantes tiveram todo o apoio que necessitaram.



Figura 10. Costureiras Senhores J. e F. treinando em máquinas domésticas. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 11. Processo de vistoria e reparos técnicos das máquinas. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 12. Higienização das máquinas. | Fonte: Acervo próprio, 2021.





Figura 14. Entrega das máquinas para o uso. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 15. Entrega das máquinas para o uso. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 16. Senhora F. recebendo as máquinas para o uso. | Fonte: Acervo próprio, 2021.



Figura 17. Senhora J. utilizando a máquina industrial. | Fonte: Acervo próprio, 2021.

4.4 | Percepção do público participante sobre as oficinas

Para a pesquisa, foi elaborado um questionário contendo 10 (dez) perguntas de respostas abertas (ver apêndice) para serem respondidas pelas participantes do projeto. O questionário foi elaborado e aplicado pela pesquisadora para avaliar a percepção e o conhecimento adquirido pelas participantes do projeto ao seu término.

A primeira pergunta abordou como as práticas de ensino da costura ofertadas pelo Ateliê Escola do Museu da Vila nas suas residências, durante a pandemia, tinham sido vistas. As mulheres responderam que foram muito boas, porque tiveram a oportunidade de aprender mais e em casa. Por outro lado, elas também ressaltaram que durante esse processo tiveram afazeres que tiravam a sua atenção, como um filho que as chamavam ou mesmo um problema que precisavam resolver, porém, no geral, asseveraram ter sido sensacional a possibilidade de ter um curso de qualidade sem precisar sair de casa, podendo conciliar um novo aprendizado com as suas atividades domésticas.

A segunda pergunta abordou a utilização do aprendizado no dia a dia das participantes. A resposta foi unânime, todas afirmaram que passaram a utilizar o aprendizado constantemente, pois os serviços aumentaram.

A terceira pergunta complementou a sua anterior, pois questionou às participantes se o aprendizado das técnicas de costura ensinado nas oficinas de costuras, aumentaram a possibilidade de serviços. Elas assentiram ter sido maravilhoso, pois adquiriram segurança para aceitarem consertos variados que apareciam, pondo, assim, em prática os conhecimentos adquiridos no curso. Outra participante relatou que está planejando fazer várias peças para colocar na pequena lojinha existente na sua residência.

A quarta questão indagou se as participantes já tinham

conhecimento sobre a técnica de patchwork. A resposta foi unânime, todas destacaram que não, apenas tinham visto na internet.

A quinta pergunta foi sobre o que as participantes acharam de terem construído uma colcha de retalhos com a técnica de patchwork. Elas informaram ter sido de grande valia, visto que nunca tinham feito, sendo, portanto, uma novidade para todas. No final, elas já percebiam a melhor maneira que deixava a peça mais bonita, pois começavam a unir os vários pedacinhos de tecido, e se perguntavam o que poderia surgir a partir daquela união. Feita a montagem, percebiam a beleza do que elas haviam conseguido elaborar. Por conseguinte, elas destacaram a grandeza do aprendizado, pois puderam trazer para o dia a dia como também ensinar para outras pessoas.

Faz-se importante registrar que durante os relatos, uma participante disse que iria aproveitar os pedaços de tecidos que tinha guardado e fazer peças, outra participante relatou que estava pensando em fazer várias coisas com retalhos. Com isso, além dessa técnica fazer com que os sujeitos treinem a habilidade e o manejo da máquina e aperfeiçoem a costura, também lhes permite desenvolver a criatividade. Por esses motivos, elas destacaram o quão importante foi a proposta da colcha de retalhos.

A sexta questão abordou a evolução das costuras das mulheres percebidas a partir da Técnica de Patchwork. Elas responderam que estavam perceptivelmente melhor que antes, pelo fato de repetirem várias vezes o mesmo tipo de coser, isso fez com que as costuras ficassem com um melhor acabamento, mais retas e que já conseguiam fazer um encaixe dos retalhos bem feito.

A sétima questão perguntou se as participantes estavam confiantes para aceitarem serviços (costuras) de terceiros e, complementando, a oitava questão abordava a identificação das participantes com algum tipo de costura. Elas responderam que estavam mais confiantes em aceitar trabalhos e que o tipo de costura que elas mais se identificaram foi a costura francesa.

A nona questão abordou qual seria a costura mais utilizada pelas participantes. Elas responderam que seria a costura francesa já que ela proporciona um acabamento muito

bonito e também para quem não tem a máquina overloque, ela pode fazer o fechamento em tecido que fica muito bom.

A décima e última questão tinha como objetivo fazer com que as participantes avaliassem o curso de costura que foi fornecido pelo ateliê escola e se elas o indicariam. As respostas foram unânimes, afirmando que o curso foi muito bom, por diversos motivos: ele atendeu as expectativas; a docente era muito boa, atenciosa, sempre orientando e indicando os erros, sendo necessário refazer várias vezes uma costura até que todas acertassem e faziam, pois, sabiam que era para o melhor aprendizado e que indicam o curso várias vezes.

Destarte, é notório que a costureira é uma profissional que merece respeito, destaque e reconhecimento. Ela vai agir de acordo com a realidade econômica do cliente, visando fidelizar a sua clientela. Um serviço de qualidade e um atendimento especializado são suportes necessários para essa fidelização do cliente e conseqüentemente um maior desenvolvimento econômico.

As experiências particulares das mulheres envolvidas na pesquisa trouxeram para as atividades da pesquisa uma maior produtividade que necessitava de esforço, dedicação, versatilidade e compreensão. Os erros foram incentivos para que os sujeitos da pesquisa persistissem na oficina.

Cabe frisar que durante o processo de pesquisa, tudo o que foi coletado, desenvolvido e obtido no final como a colcha enquanto resultado da pesquisa, foi disponibilizado em um catálogo do produto final como parte singular e primordial do produto - ação colcha de retalhos.

Pari passu, encontra-se nos apêndices, o portfólio das peças produzidas pelas participantes do curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das atividades descritas, pode-se observar a relevância dos processos educativos promovidos pelo Museu Universitário - MUV por meio das oficinas de costura. A realização das oficinas é uma maneira de ampliar e oferecer possibilidades de diálogos com a comunidade local a partir da socialização dos conhecimentos acadêmicos no âmbito das atividades do Ateliê Escola. Mesmo sob o contexto da pandemia de Covid-19 a metodologia foi adaptada para a continuidade das oficinas, porém de forma individualizada nas respectivas residências.

Após a realização dessas primeiras oficinas, verificou-se que o aproveitamento por parte dos sujeitos da pesquisa foi muito satisfatório. Isto pôde ser mencionado a partir do progresso verificado durante a execução dos exercícios e no manuseio das máquinas por parte de alunas que não tinham nenhum conhecimento prévio sobre costura ou sobre máquinas de costura. Puderam, assim, executar de forma satisfatória os exercícios propostos e realizar os pequenos trabalhos de reparos.

Para além da possibilidade de executar as técnicas ensinadas sobre o universo da costura, este processo de ensino e aprendizagem com esse grupo de mulheres residentes no Bairro do Coqueiro lhes oferece autonomia a partir da habilitação para costurar. Isto pode ser observado nos relatos que ocorreram durante as oficinas, como quando uma aluna informou “que muitas vezes via as costuras aplicadas em roupas, principalmente a costura francesa, e ficava imaginando como seria a maneira de fazê-la, e agora era capaz de executá-la”; ou quando uma moradora informa que “esse aprendizado seria aproveitado imediatamente nos pequenos consertos que estava fazendo” e o relato de outra participante, contando que o “MUV, por meio do Ateliê

Escola, era maravilhoso, uma mãe!” Relatou a aluna que estava realizando o sonho de aprender a costurar, pois de acordo com a sua situação financeira, não poderia pagar um curso como o que estava sendo ofertado, na sua residência, individual e com qualidade.

As costureiras, além do conhecimento adquirido e repassado, aceitaram participar da pesquisa na expectativa de melhorar a sua renda. Elas afirmaram que a prática, a persistência e a dedicação são as melhores formas de se aprender o ofício de costureira. O trabalho apontou caminhos e demonstrou que o Ateliê tem subsídios para atender as demandas e necessidades do ofício delas. Fica em evidência, também, que as pessoas (comerciantes e empresários) locais que podem buscar os serviços das costureiras serão os mais beneficiados, uma vez que, existe a demanda local e a escassez de produto e mão de obra qualificada.

É possível ver como positivo a oportunidade de levar ações do Ecomuseu para as casas dos moradores do entorno. Se, em um primeiro momento, ocorreu iniciativas para levar os moradores para dentro do museu para participar das oficinas e exposições, as circunstâncias impuseram a necessidade de levar o museu, por meio das oficinas, até as casas das pessoas.

Por fim, as oficinas, além de serem formas para compartilhar conhecimentos, funcionaram também como meio de consolidar a presença e relevância do museu e da universidade para os moradores do Bairro do Coqueiro - PI, uma vez que, viabilizou o repasse do conhecimento, da habilitação profissional e, conseqüentemente, caminhos para uma melhoria financeira.



ARAÚJO, Mário. **Tecnologia do Vestuário**. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1996.

AUDACES. **Uma breve história da costura**. [s.l.]: Audaces, [20--]. Disponível em: <https://audaces.com/historia-da-costura/#:~:text=Peles%20curtidas%20eram%20unidas%20uma,de%2025%20mil%20anos%20atr%C3%A1s>.

BRANDÃO, Gil. **Aprenda a costurar**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1981.

BARBUY, Heloísa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.3 p.209.236 jan./dez. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v3n1/a19v3n1.pdf>. Acesso em: 07/ jan/ 2021.

BRAGA, João. **História da moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm.

BRULON, Bruno. A invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée Du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da museologia experimental. **Mana**, n. 21, v. 2, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/6h57ScQ68skw5dZVV6fLBxQ/abstract/?lang=pt>.

CARVALHO, Gizela Costa Falcão de. **Ateliê-Escola do Museu da Vila, Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí**. 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, Museu da Vila, Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, 2019.

CARVALHO, Rita de Cássia Moura. **Por entre rio e mar**: Artes,

Patrimônio e Museologia, 2019. Tese (Doutorado em Belas-Artes, especialidade de Ciências da Arte) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Portugal, 2019

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia Social. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Argos, Ano 27, n. 41, p. 47-69, 2014.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio**: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. **Espacialidades e territorialidades**: conceituação e exemplificações. Revista Geografias, [S. l.], p. 114–127, 2011. DOI: 10.35699/2237-549X.13312. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13312>.

CONCEITO.DE. **Conceito de Territorialidade**. [s.l.]: Conceito.de., 2019. Disponível em: <https://conceito.de/territorialidade>.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Recomendação nº 022, de 09 de abril de 2020**. Brasília, DF: CNS, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1112-recomendac-a-o-n-022-de-09-de-abril-de-2020>.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

ESCOLA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL. **Corte e Costura**. São Paulo: Fundo Social de Solidariedade, [20--].

FERNANDES, Atson Carlos de Souza; FERNANDES, Patricia Gomes Cerqueira. O impacto da pandemia sobre o fazer da universidade. **J. Dent. Public. Health**, 12(1), p. 9-11, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2596-3368dentistry.v12i1.3878>

FERNÁNDEZ, Luís Alonso. **Introducción a la nueva museología**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

GOVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da museologia social. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 726-745, jun./dez. 2016

GONÇALVES, Leonardo Giovane Moreira; THOMAZ, Rosângela Custódio Cortez. O recordar como sentido de existir: o futuro Museu do Assentado e as marcas da reforma agrária no município

de Rosana/SP. **Rev. Geogr. Acadêmica**, v. 11, n. 2, ano XII, 2017). Disponível em: <https://revista.ufr.br/rga/article/view/4313>

GOVEIA, Inês; PEREIRA, Marcelle. A emergência da museologia social. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 726-745, jun./dez. 2016

GUIMARAENS, Cêça; RANGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia. **Museologia Social e Cultura**. Rio de Janeiro: RioBook's. 2015.

HOLLANDER, Anne. **Sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Tradução de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial**: Manual de aplicação: Programa Mais Educação. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducacao_m.pdf.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design**: manual do estilista. Cosac Naify, 2011.

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEITE, Pedro Pereira. Museologia e Inovação Social. In: **Patrimonialização e Sustentabilidade do Patrimônio**: Reflexão e Prospectiva. Ed. Graça Filipe. FCSH: Instituto de História Contemporânea, 2018. p.430-440.

LIMA, Grazielle. História da moda: pré-história. [s.l.]: Blog Eu e minha estupidez, 2016. Disponível em: <https://eueminhaestupidez.blogspot.com/2016/05/historia-da-moda-pre-historia.html>.

LOBO, Renato Nogueirol. **História e sociologia da moda**: evolução e fenômenos culturais. São Paulo: Érica, 2014.

MARTINS, Caroline. **Aprenda a adotar critérios de sustentabilidade para produção e consumo responsáveis**. Belo Horizonte: Trilhoambiental, 2019. Disponível em: <https://www.trilhoambiental.org/post/aprenda-a-adotar-criterios-de-sustentabilidade-para-producao-e-consumo-responsaveis>.

MEIRELES, Melise Pessôa Araujo et al. Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da

comunidade Passarinho, Resex Marinha do Delta do Parnaíba, Araiõeses/MA. **Revista Espacios**, v. 38, n. 13, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n13/a17v38n13p16.pdf>.

MENDES, Francisca Dantas; SACOMANO, José Benedito; FUSCO, José Paulo Alves. **Rede de empresas: A cadeia têxtil e as estratégias de manufatura na indústria brasileira do vestuário de moda**. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

MENDES, Francisca D.; FUSCO, José Paulo A.; SACOMANO, José B. Planejamento e controle da produtividade na manufatura do vestuário de moda. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais, 9., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FGV-EASP, 2006.

MODA.HI7.CO. **Como tudo começou...** [s. l.]: HI7.CO, [20--]. Disponível em: <http://moda.hi7.co/como-tudo-comecou---56de2914ccd00.html>.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM – Museologia Social**, v. 27, n. 41, 2014. Disponível em: Acesso em: 22 nov. 2017

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Museologia**, n. 1, 1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/466>

NOVAES, Clarissa Alves de. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa-MG**. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica)- Universidade Federal de Viçosa-MG, Viçosa, 2016. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/9963/1/texto%20completo.pdf>.

ONU MULHERES NO BRASIL. **Empresas**. [s. l.]: ONU, [20--]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>.

OSÓRIO, Lúcia. **Modelagem: organização e técnica de interpretação**. Caxias do Sul, RS: EDUC, 2007.

PANZOLDO, Regina. **Patchwork fácil**. [São Paulo]: Lebooks, 2014. (Coleção Artesanato)

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus, 2006. Disponível em: https://www.comunicacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/p_museologia.pdf.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: História, Tramas e tipos e Usos. 2. ed. São Paulo: Senac, 2007.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em revista**, Curitiba, n. 58, p.55-67, out. / dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NgCWh4MTJw7TfXgnkZptFcP/?lang=pt&format=pdf>

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Fundação Wall Ferraz**: Estatuto. Teresina: PMT, 2022. Disponível em: <https://fwf.pmt.pi.gov.br/estatuto/> . Acesso em: 22 out. 2022.

REUTERS. **Covid-19**. [s. l.]: Reuters. 2022. Disponível em: <https://graphics.reuters.com/>

RIBEIRO, Alice; SOARES, Ozias de Jesus. Educação, museus de ciência e museologia social: aproximações possíveis. In: Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação- SIMPED, XII, Resende – RJ, 30 de agosto de 2019. **Anais...**, Resende, RJ: AEDB, 2019. Disponível em: <https://www.aedb.br/simped/artigos/artigos2019.php?pag=299>

RODRIGUES, Edilson. Salário mínimo de R\$ 1.212 é promulgado. **Agência Senado**, Brasília, 02 de junho de 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/02/salario-minimo-de-r-1-212-e-promulgado>.

RODRIGUES, Paulo Jorge *et al.* **O trabalho feminino durante a revolução industrial**. São Paulo: Unesp, [20--]. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf.

ROLLAND, Anne-Solène; MUREUSKAYA, Hanna. (Dir.). **De nouveaux modèles de musées?** Formes et enjeux des créations et rénovations de musées en Europe, XIX-XXIe Siècles. Paris: L'Harmattan, 2008.

ROSA, Stefania. **Alfaiataria**: modelagem plana masculina. Brasília: SENAC, 2008.

SANTOS, A. O. A. Os museus. In: **Instituto Brasileiro de Museus**. 2014.

SENNET, Richard. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SENNET, Richard. **Respeito**: a formação do caráter em um mundo desigual. Tradução de Rytta Vinagre. Rido de Janeiro: Record, 2004. p. 51 - 170.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Via Rápida Emprego**: vestuário: costureiro, v.1. São Paulo: SDECT, 2013.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o vestuário e o trabalho femininos na Europa Ocidental, nos séculos XII e XIII. In: LESSA, Fábio de Souza; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Org). **História e trabalho**: entre artes e ofícios. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 97 – 110

SOUSA, Rainer. Período Paleolítico. **Uol**, Mundo Educação, [São Paulo], 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

ANEXO



TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, _____
brasileira, inscrita no CPF sob o N.º _____ e no RGN.º _____
residente e domiciliada à Rua _____, N.º _____,
no Bairro Coqueiro, Luís Correia, PI, por meio deste instrumento
DECLARO me responsabilizar pela guarda, conservação e manutenção de uma máquina de
costura _____ da marca e modelo _____ de propriedade
da Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC), inscrita no CNPJ sob o n.º
69.616.480/0001-16, pelo prazo de 365 dias (1 ano), a contar desta data, sendo possível
prorrogar por mais 365 dias (1 ano), desde que comunicado à diretoria da instituição.
Comprometo-me a devolver o mencionado bem em perfeito estado de conservação, como
atualmente se encontra, ao final do prazo estabelecido. Em caso de extravio ou danos que
provoquem a perda total ou parcial do bem, fico obrigada a ressarcir o proprietário pelos
prejuízos ocasionados.

Luis Correia (PI), _____ de _____ de 2021

Recebi o equipamento descrito acima em perfeitas condições de uso.

Assinatura do solicitante Assinatura do responsável pela AMBC

Tel. de contato: (86) _____

Previsão da devolução: _____ / _____ / 2020

OBS: Este empréstimo (guarda e depósito fiel, com termo de responsabilidade) está associado ao Trabalho Final de Mestrado sob o título “COSTURANDO SONHOS: Reflexões sobre as oficinas de corte e costura na comunidade do Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí”, do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, de autoria da mestrandia Naudimar Vieira Moura Menezes, sob a orientação do Prof. Dr. Solano Braga e Supervisão de Estágio e Trabalhos de Campo da Prof^a Dr^a Áurea da Paz Pinheiro

A - QUESTIONÁRIO FEITO PARA AS PARTICIPANTES DAS OFICINAS DO CURSO DE COSTURA

1ª. Como você viu as práticas de ensino da costura ofertado pelo Ateliê Escola do Museu da Vila na sua residência, durante a pandemia?

2ª Como está sendo utilização do aprendizado no seu dia a dia?

3ª. O aprendizado das técnicas de costura ensinado nas oficinas de costuras, aumentaram a possibilidade de serviços?

4ª. Já conhecia a técnica de patchwork?

5ª. O que achou de construir uma colcha de retalhos com a técnica de patchwork?

6ª. Já consegue perceber a evolução das suas costuras a partir da Técnica de Patchwork?

7ª. Já se sente confiante para aceitar serviços (costuras) de terceiros?

8ª Qual tipo de costura você mais se identificou?

9ª. Qual o tipo de costura que você mais utilizará?

10ª. Como elas avaliam o curso de costura que foi fornecido pelo ateliê escola? Você o indicaria?

B - CATÁLOGO DO PRODUTO FINAL

(Arquivo Separado)

